

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS**

MAÍRA VEFAGO

DA CABEÇA DA PALAVRA AO PÉ DA LETRA

**CRICIÚMA - SC
2015**

MAÍRA VEFAGO

DA CABEÇA DA PALAVRA AO PÉ DA LETRA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharelado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Leticia Cardoso

CRICIÚMA - SC

2015

MAÍRA VEFAGO

DA CABEÇA DA PALAVRA AO PÉ DA LETRA

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado pela Banca Examinadora, para obtenção do Grau de bacharelado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 24 de Junho de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Letícia Cardoso - Mestre em Poéticas Visuais (UFRGS) - Orientadora

Prof.^a Edite Volpato Fernandes - Mestre em Educação e Cultura (UDESC)

Prof.^a Claudia Zimmer de Cerqueira Cezar - Doutora em Artes Visuais (UFRGS)

**A todos que deixam acesa, dentro de si, a
chama da imaginação.**

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos que me acompanharam nesta trajetória, encorajando-me a continuar e não desistir nunca. Seriei eternamente grata a meu pai Abrão, e, especialmente, à minha mãe Marli, por todo seu amor, dedicação e esforço, para que eu seguisse em frente e chegasse até aqui.

Karen Vefago, minha sobrinha e melhor amiga, conselheira. Sem dúvida, as nossas risadas me ajudaram a continuar de pé, de queixo erguido.

Aos meus irmãos Mateus, Márcio e Mara, obrigada por tudo.

Não posso deixar de citar a minha gatinha de estimação, Lucy, que não saiu do meu lado, enquanto ou escrevia esta pesquisa, e me inspirou a criar a obra *A loved one*.¹

Agradeço aos meus amigos, que me acompanharam desde o início da faculdade, me proporcionando momentos felizes. Ariane Bretz, que conheci por meio do curso, é uma das melhores amigas que já tive.

Nathalia Silvestre, que está comigo desde o início e faz parte dessa caminhada, compartilhando risadas, conhecimentos e experiências. Monica Fischborn, Lucas Uggioni Bonfante, Rafaela Pereira, Jéssica Fernandes, Jéssica Leandro Borges, Filipe Cordova, Jonas Esteves, Fabiana Generoso, Mirelly Dandolini, obrigada por fazerem parte deste momento tão valioso para mim. Levo comigo um pouco de cada um de vocês. Amanda Emerin e Malu Dal Pont Colombo, embora tivéssemos tido contato apenas no fim do curso, ainda assim, foi o suficiente para vocês se tornarem especiais para mim.

Um agradecimento especial aos profissionais que me apoiaram. Ao Marcelo Feldhaus, obrigada por toda sua dedicação, ajuda e sábios conselhos. À Edite Volpato Fernades, graças a você cheguei a esse tema de pesquisa, obrigada por acreditar em mim. À Odete Calderan, agradeço pelas dicas acadêmicas e pelo carinho. À Letícia Cardoso, minha orientadora, obrigada pela paciência e dedicação.

Obrigada a todos que, de uma forma ou de outra, fizeram e fazem parte da história que construí até aqui.

¹ Vide página 28 deste trabalho.

“Eu me fascino quando eu leio um bom texto, com a capacidade que uma pessoa tem de escrever, [...] de colocar isso e bem – de despertar no outro a capacidade de criar em cima daquilo que ele escreveu – é incrível.”

Rosana Ricalde

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada *Da cabeça da palavra ao pé da letra*, se insere na linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC). De natureza básica e abordagem qualitativa, a pesquisa visa investigar o trabalho de artistas contemporâneos que utilizam a palavra como matéria em suas poéticas visuais. O suporte para dar corpo à palavra, assim como o local de exposição tornam-se parte do trabalho e agregam sentido ao mesmo. A pesquisa parte do meu trabalho prático, em que a palavra, durante a observação da mesma, se insere no contexto ao meu redor ou numa brincadeira com o sentido, por meio da escuta de músicas durante as confecções de aquarelas utilizando palavra. Procurei trazer discutir alguns autores como Canton, Foucault, Gasset e Ricalde e dialoguei sobre artistas e seus processos em artes visuais com palavras em suas criações.

Com esta pesquisa, percebe-se que há muitas maneiras de explorar as palavras em trabalhos de artes visuais. Encontra-se respostas durante o processo de produção das obras e dos textos abordados nesta pesquisa, assim como e novas perguntas se abriam, abrindo diversas abordagens para a mesma investigação sobre a palavra no contexto das artes visuais.

Palavras-chave: Palavra. Processo criativo. Música. Aquarela. Imagem-texto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Elida Tessler. A vida somente no parque, 2007	18
Figura 2 - Maíra Vefago. There will always be a secret, 2012.....	20
Figura 3 - Maíra Vefago. A minha filha, 2012.....	20
Figura 4 - Mira Schendel. Sem título, da série objetos gráficos, 1967	26
Figura 5 - Maíra Vefago. On a boat, 2015.....	27
Figura 6 - Maíra Vefago. River, 2015	28
Figura 7 - Maíra Vefago. A loved one, 2015.....	29
Figura 8 - Maíra Vefago. Submarine, 2015	30
Figura 9 - Maíra Vefago. Oh darling!, 2015	31
Figura 10 - Maíra Vefago. Back again, 2015.....	32
Figura 11 - Maíra Vefago. Help!, 2015	33
Figura 12 - Maíra Vefago. Bleeding, 2015.....	34
Figura 13 - Joseph Kosuth. Three Color Sentence, 1965	37
Figura 14 - Kelly Mark. Nothing is so important that it needs to be made in six foot neon, 2009	38
Figura 15 - Kelly Mark. Every(no)thing is (im)possible, 2009	39
Figura 16 - Jenny Holzer. Untitled (Selections from Truisms, Inflammatory Essays, The Living Series, The Survival Series, Under a Rock, Laments, and Child Text), 1989	40
Figura 17 - Mira Schendel. Sem título, da série Objetos gráficos (50x50cm), 1967 ..	42
Figura 18 - Mira Schendel. Sem título, da série Objetos gráficos, 1967.....	42
Figura 19 - Mira Schendel. Disco, 1967	43
Figura 20 - Raquel Stolf. Palavra-migalha, 2001	44
Figura 21 - Arnaldo Antunes. Transparente. Da série Caligrafias, 2005	46
Figura 22 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004.....	47
Figura 23 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004.....	48
Figura 24 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004.....	48
Figura 25 - Rosana Ricalde. Poema “versos escritos n’água” de Manoel Bandeira (100cm x 100cm), 2004.....	49
Figura 26 - Rosana Ricalde. O tempo muda tudo, 2002	50
Figura 27 - Figura 15. Rosana Ricalde. Mar Vermelho (91 cm x 62 cm x 5 cm), 2006	51

Figura 28 - Rosana Ricalde. Mar Egeu (91 cm x 62 cm x 5cm), 2006	51
Figura 29 - Marilá Dardot. Sem título, A origem da obra de arte, 2011	52
Figura 30 - Marilá Dardot. Sem título, A origem da obra de arte, 2011	52
Figura 31 - Marilá Dardot. Sem título, A origem da obra de arte, 2011	53
Figura 32 - René Magritte. Ceci n'est pas une pipe, 1928	54
Figura 33 - Jenny Holzer. Protect me from what I want, 1999.....	55
Figura 34 - Sophie Calle. Cuide de você, 2004	56
Figura 35 - Jonas Esteves. ENTRELINHAS, 2010.....	58
Figura 36 - Maíra Vefago. Esboço para a produção ELA!, 2015	60
Figura 37 - Maíra Vefago. Esboço para a produção ELA!, 2015.....	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LED - *light-emitting diode*. Em português: diodo emissor de luz

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 DA CABEÇA DA PALAVRA...	11
1.1 O PONTO DE PARTIDA	12
2 AS PALAVRAS EM MINHAS CRIAÇÕES	15
2.1 A MÚSICA QUE NÃO TOCO, MAS QUE ME TOCA	21
2.2 UM CORAÇÃO BILINGUE.....	24
3 MINHAS CRIAÇÕES DURANTE ESTA PESQUISA.....	26
4 A PALAVRA ASSISTIDA	35
4.1 ALGUNS ARTISTAS QUE UTILIZAM PALAVRAS EM SUAS OBRAS	37
5 O LUGAR DA PALAVRA	54
5.1 JENNY HOLZER – PROTEJA-ME DO QUE EU QUERO.....	54
5.2 SOPHIE CALLE – CUIDE DE VOCÊ.....	56
5.3 JONAS ESTEVES – ENTRELINHAS.....	57
6 PRODUÇÃO ARTÍSTICA – <i>ELA!</i>.....	59
6.1 OS ELEMENTOS DE <i>ELA!</i>	60
7 AO PÉ DA LETRA	63
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXO (S).....	68
ANEXO A – LETRAS DE MÚSICAS INSPIRADORES DA CRIAÇÃO DE MINHAS OBRAS.....	69
ANEXO B – CARTA – E-MAIL RECEBIDO POR SOPHIE CALLE	74
ANEXO C – PRODUÇÃO FINAL <i>ELA!</i>	75
ANEXO D – AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS.....	75

1 DA CABEÇA DA PALAVRA...

Esta pesquisa buscará respostas, mas, principalmente, fará perguntas referentes ao tema 'palavra nas artes visuais'. Este tema será abordado no primeiro capítulo de uma forma a deixar mais clara a ligação existente entre estas duas linguagens. A pesquisa trará em no segundo capítulo os nomes de alguns artistas com os quais me identifico, por usarem a palavra em suas obras, demonstrando as diferentes formas de usá-las no contexto das artes visuais. No quarto capítulo trarei minhas criações, produzidas durante o processo desta pesquisa, e no terceiro, meus textos e frases, desde minhas primeiras palavras, escritas há mais de seis anos, até hoje. O quinto capítulo aborda o lugar da palavra, trazendo no sexto capítulo a minha produção final, *ELA!* E no sétimo capítulo a conclusão.

Entre no curso de artes visuais, profundamente interessada pelas artes cênicas, algo que sempre admirei desde criança. Por volta dos 6 ou 7 anos, apresentei uma pequena peça de teatro na escola, ocasião em que eu representei a primavera. Com uma flor enorme por volta do rosto e uma saia rodada, andava com um cestinho nas mãos, jogando pétalas pelo cenário. Apesar de ter gostado da ideia de ser a primavera, eu não estava completamente feliz, pois a personagem com mais falas era a formiguinha, interpretada por uma colega de classe. Eu queria falar, queria usar a palavra, para comover as pessoas que assistiam ao teatro. Desde então, eu sempre afirmava que queria ser atriz. As falas da formiguinha jamais serão esquecidas por mim. Até o momento que ingressei na faculdade de Artes Visuais, eu não havia pensado na possibilidade de trabalhar com palavras. Minha ideia inicial, para esta pesquisa, era abordar o tema 'teatro e cinema'. Ao criar minha justificativa, na disciplina de projeto de pesquisa em artes, minha orientadora, a professora Edite Volpato Fernandes, me questionou sobre minhas escritas então citadas, e pediu que eu me aprofundasse mais no assunto. Este foi meu ponto de partida para esta pesquisa. Quando parei para pensar sobre a influência das palavras em minha vida, me dei conta de que a escrita está muito mais presente em mim do que imaginava. Desde então, minha análise se voltou para o tema atual, palavras como obra de arte.

Quando criança, eu gostava de fazer uma brincadeira comigo e, até hoje, muitas vezes, sem perceber, me surpreendo fazendo isso. Quando estou parada em algum lugar, na rua ou em um ambiente qualquer, leio todas as palavras possíveis

ao meu redor. Desde placas de carro ou de trânsito a *outdoors* e painéis. Procuo capturar todas as palavras à minha volta.

Quando adolescente, comecei a escrever palavras aleatórias que até hoje não sei como chamá-las e não gosto de rotulá-las. Pode ser que sejam pequenos fragmentos da minha personalidade. Sensações, pensamentos, momentos que vivi ou que gostaria de viver.

Anos atrás, em uma noite, momentos antes de dormir, eu escrevi algo sobre fantasmas me assombrando, facas me perseguindo e pedi para que me livrassem de amar alguém.² Em nenhum momento eu quis ser sombria. Tratava-se apenas de uma metáfora, baseada em algumas músicas que eu costumava ouvir naquela época. Meus pensamentos nunca foram muito óbvios ou diretos. Eles giram em torno de si; de tanto explorá-los, acabam se tornando bizarros, exagerados. Portanto, minha escrita era carregada de alegrias exageradas e melancolias extrapoladas.

As únicas exceções a esses exageros extrapolados são as longas histórias que criei, as quais relatam acontecimentos comuns, corriqueiros. A primeira história surgiu aos 17 anos, quando comecei a escrever uma ficção, um romance adolescente. Lembro-me que a primeira frase foi: “Eu não tinha ideia do que estava acontecendo, mas quando me dei conta, eu estava em um avião rumo à Austrália”.

Com o passar do tempo, outras histórias começaram a surgir. As diferentes inspirações foram aparecendo aos poucos, e hoje as palavras preenchem o espaço vazio do meu dia a dia. Gosto dos seus sons, dos seus significados, dos milhares de possibilidades que elas nos propiciam, para nos comunicarmos, expressarmos em diferentes caligrafias, entonações, cores, idiomas, tamanhos, volumes. A palavra está em mim e, a partir desta leitura, o (a) convido a permitir por meio de autores como Canton e Ricalde, que esteja em você.

1.1 O PONTO DE PARTIDA

A pesquisa proposta *Da cabeça da palavra ao pé da letra* está inserida na Linha de Pesquisa de Processos e Poéticas: Linguagens do Curso de Artes Visuais Bacharelado, da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Nesta

² Vide página 42 deste trabalho.

pesquisa, procuro encontrar resposta para meu problema: ‘Como é possível produzir um trabalho em artes visuais, utilizando a palavra como linguagem principal?’. Esta pesquisa traz, como objetivo central, explorar o trabalho de alguns artistas que envolvem a linguagem da palavra em suas obras, interligando alguns pontos às minhas criações. Nos objetivos específicos, busco identificar quais os pontos de ligação nas minhas obras com as obras de alguns artistas que trabalham com palavras; discorrer sobre as variadas mensagens que são passadas através das produções que envolvem a escrita; mostrar o trabalho dos artistas com os quais me identifico, por usarem a palavra em suas criações.

Esta é uma pesquisa que busca desenvolver uma produção artística, que seja diretamente ligada ao objeto investigado, razão pela qual aponto Rey (2002, p.127), no livro: ‘O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas’, que assim se manifesta:

A pesquisa faz avançar as questões da arte e da cultura, responsabilizando-as ou apresentando-as sob novos ângulos. É desafio constante para o artista-pesquisador provocar um avanço, ou, talvez, mais próprio seria dizer um deslocamento desse campo específico de conhecimento que é delimitado pelas artes visuais.

Rey (2002, p. 134) também afirma, “[...] para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões.” No decorrer da pesquisa, haverá muitas questões sobre o uso da palavra, questões que poderão, quem sabe, dar surgimento a novas pesquisas futuramente, pois são infinitas as possibilidades de relatar este tema.

[...] o dispositivo tem natureza essencialmente estratégica, que se trata, como consequência, de uma certa manipulação de relações de força, de uma intervenção racional e combinada das relações de força, seja para orientá-las em certa direção, seja para bloqueá-las ou para fixá-las e utilizá-las (FOUCAULT, 1977 apud AGAMBEN, 2009, p. 28).

Defino, então, esta pesquisa, como sendo de natureza básica, pois objetiva contribuir para o desenvolvimento e crescimento de trabalhos nas áreas das artes visuais, com abordagem qualitativa, já que o uso dessa abordagem não tem a intenção de abranger o campo de pesquisa como um todo, mas buscar foco em respostas que gerem definições significativas.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2010, p. 21).

Esta é uma pesquisa que deve ser levada adiante, uma vez que gera muitas inquietações durante o seu desenvolvimento, curiosidades sobre o trabalho de alguns artistas que usam palavras em suas criações, além de muitas perguntas que precisam ser respondidas, pois:

Pesquisar é desejar solucionar algo, mas pode-se, em condições especiais, até encontrar algo que não se estava buscando conscientemente, sem que essa solução ocorra através da pesquisa. A pesquisa sempre implica a premeditação, a vontade clara e determinada de se encontrar uma solução por meio de uma trajetória racional engendrada pela razão. A pesquisa presume a escolha de um caminho a ser trilhado para se buscar uma finalidade determinada (ZAMBONI, 2006, p. 51).

Em minhas criações, procuro gerar reflexões e conceitos, de uma forma indireta, e assim é a pesquisa. Para se pesquisar, é necessário que haja um objetivo específico, mas é fato que perguntas ou respostas inesperadas podem ocorrer durante o percurso, já que este é um estudo artístico, onde nada é óbvio e direto. Nesse sentido, Rey (2002, p. 125) afirma que:

A arte contemporânea levanta a questão da ausência de parâmetros rigidamente estabelecidos. Não existe um corpo teórico, nem regras universalizantes que possam estabelecer uma conduta traçada a *priori* pelo artista. A arte requer um processo no qual o artista, ao criar a obra, 'invente o seu próprio modo de fazê-la'.

Com a oportunidade de pesquisar, explorando as linguagens artísticas já conhecidas e conhecendo novas linguagens, o artista enriquece suas descobertas e surge com novas inquietações, que servirão para impulsionar novas experiências e a vivenciar outros processos e diferentes técnicas.

2 AS PALAVRAS EM MINHAS CRIAÇÕES

A primeira lembrança que tenho sobre as palavras que envolvem meu dia a dia em forma escrita é de anos atrás, quando eu ainda tinha treze anos de idade. Lembro que eu costumava rabiscar palavras nas bordas dos meus cadernos de escola. As palavras nem sempre formavam frases. Muitas vezes, eu as escrevia isoladamente e tudo o que queria dizer, o que eu sentia, todos os meus pensamentos se resumiam na tal palavra isolada. As letras eram desenhadas, como se todo o significado que tinham para mim fosse também expressado em forma de linhas traçadas quase que como um desenho. Eu não fazia de propósito. Era algo involuntário, que eu gostava de fazer quando estava distraída, mas eu acabava gostando do resultado e o que para outros eram apenas rabiscos, para mim eram fragmentos de meus pensamentos. Como eu sempre passava o que sentia para o papel, as palavras carregavam mensagens diversas, desde um sentimento angustiante que me incomodava muito no momento, até uma alegria que me fazia querer deixar aquela sensação agradável registrada. Ao passar dos anos, eu comecei a formar frases que tinham esse mesmo efeito para mim, pois “A realidade espreita constantemente o artista para impedir sua evasão. Quanta astúcia pressupõe a fuga genial!” (GASSET, 1999, p. 43).

Muitas pessoas liam as minhas frases e diziam ‘ah, que legal’ ou então ‘que horror, que macabro isso’. Eu sempre variei os assuntos abordados nas minhas escritas. Isso sempre depende do meu humor e, quando estou feliz, trago muito romantismo em minhas palavras, muitos pensamentos positivos e palavras consideradas ‘leves’, como sorriso ou beijo, por trazerem, à mente do leitor, lembranças agradáveis. Mas, quando algo me angustia, me deixa triste, decepcionada ou preocupada, gosto de exagerar nas palavras ‘pesadas’, aquelas que trazem memórias ruins à mente do leitor, como sangrar ou sufocando. Depois das frases, aos treze anos, vieram os versos e, quando eles surgiram, decidi comprar um pequeno caderno para registrá-los.

A imaginação é claramente diferenciada do intelecto, e todas as formas de atividade poética são apresentadas como dependentes da imaginação; em épocas civilizadas a poesia só pode ser escrita por aqueles que possuem a capacidade de suspender a operação do intelecto, de colocar a mente em grilhões e de voltar ao modo irrefletido de pensamento [...] (READ, 1991, p. 17).

As ideias que surgiam durante o dia, espontaneamente, sem estar pensando em escrever, eram registradas no mesmo instante, assim que alcançava o caderno, mas as maiores lembranças são de escrever versos todas as noites, antes de dormir. Acabou se tornando algo habitual, algo que eu fazia por prazer. Nunca forcei as palavras a saírem da minha mente, elas gritavam, ecoavam, implorando para serem livres. E é dessa forma que sigo até hoje. Venturi (2002, p. 19) afirma que:

O órgão da atividade humana que produz arte é aquilo que popularmente se chama de *imaginação* ou *fantasia*. Não aquela imaginação que se limita a associar duas coisas distantes entre elas, nem se quer o puro jogo de fantasia, que se chama fantasioso.

Creio que sempre será assim. Sinto-me travada se for 'obrigada' a escrever, quando não posso fantasiar. As palavras escritas são uma forma que encontrei de me libertar, pois dificilmente converso com as pessoas sobre o que sinto. É como se eu pudesse confiar apenas na escrita, não me sinto invadida quando escrevo, pelo contrário, uso palavras que não tornam as coisas óbvias. Gosto quando o leitor devaneia sobre minhas escritas. Gosto quando ele tenta acertar o que eu quis dizer, mas eles estão errados. Na verdade, não acredito no certo e no errado em relação à interpretação do que escrevo, pois, "os limites da esfera estética não são, pois, determinados unicamente pela própria realidade – e são muito variáveis" (MUKAROVSKY, 1997, p. 24).

Aos quatorze anos, a música se tornou uma grande influência na minha escrita. Eu gostava de ouvir bandas de rock brasileiro, costumava me identificar com as letras das músicas e a cada vez me inspirava mais para escrever os meus versos. Foi neste momento que passei a escrever textos maiores, que sempre eram escritos para alguém, mas eu nunca tinha alguém em mente. Eu escrevia diretamente para o leitor, como uma espécie de conversa. Como uma 'carta ao leitor'. Nesses textos, eu falava sobre diversos assuntos. Desde relacionamentos no geral ao preconceito. Sempre inspirada em letras de músicas. Eu as ouvia, refletia, formava uma opinião, muitas vezes sobre algo que não era relacionado à letra da música em si, mas que, de alguma forma, foi-me passado através do que eu ouvi nela, pois "como seres humanos, somos capazes de perceber pelos sentidos [...] assim, essa habilidade de experimentar é unicamente do ser humano e terá cada vez mais espaço no futuro" (HOLM, 2005, p. 17).

Aos 17 anos, meu interesse por música internacional surgiu. Eu as ouvia, gostava da melodia, mas não conseguia compreender a mensagem que as letras transmitiam. Decidi, então, que a música, cuja melodia eu gostasse, iria pesquisar sobre a letra. Uma das músicas que mais gostei e ainda gosto hoje é 'Imagine', de John Lennon. Apesar de, na época, não saber o que a letra dessa música dizia, a sua melodia sempre me comoveu, sempre me fez refletir sobre as atitudes das pessoas, a vida em si. Neste ponto, surge uma inquietação da minha parte referente ao efeito da palavra sobre nós, mesmo não sabendo seu significado, ela é capaz de nos 'tocar', fazer com que reflitamos sobre alguma situação.

Como as palavras fazem parte do meu dia a dia desde criança, é comum que, ao pensar em uma linha de criação para as minhas obras, elas estejam envolvidas.

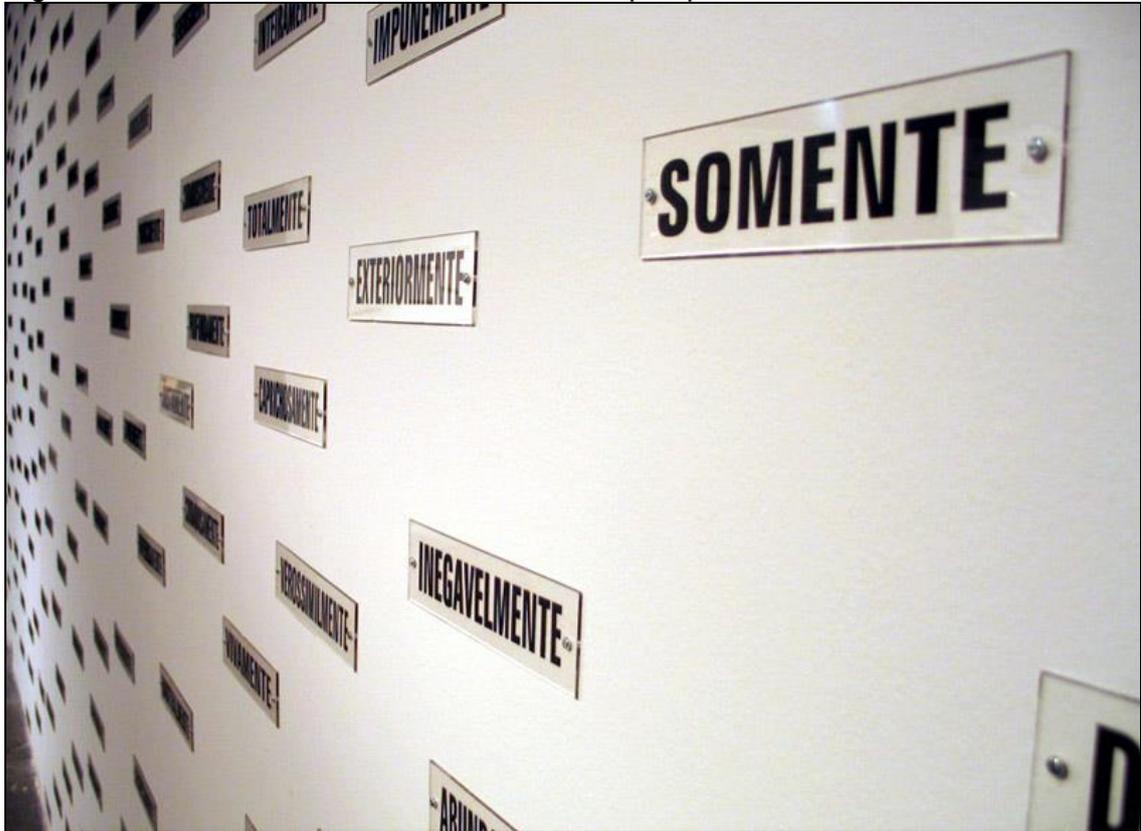
Ao pesquisar sobre a artista Elida Tessler, encontrei seu site e procurei por suas obras. Tessler vem trabalhando muito com palavras nos últimos anos, mas um trabalho seu, em específico, me chamou a atenção. No início da faculdade de Artes Visuais, em 2011, eu escrevi o texto abaixo:

“Você fecha seus olhos e começa a me beijar. Eu me concentro no beijo. Você me beija lentamente Sem pressa, aproveitando cada sensação. Me abraça e sente meu cheiro. Me toca. Você sente os meus lábios se movendo em sintonia com os seus. Se concentra no sabor da minha boca - irresistível -, você pensa. Você quer que este momento dure para sempre. Cada terminação nervosa do seu corpo me deseja com todas as forças. E então você para abruptamente Abre os olhos e sussurra: eu te amo. Sorrio em resposta. Você suspira. Seu hálito delicioso toca meu rosto. Fecho os olhos. Sinto sua língua contornar suavemente o desenho dos meus lábios. Começamos a nos beijar novamente. Dessa vez com mais agressividade. Suas mãos que seguravam meu rosto. Descem lentamente pelo meu corpo. Você aperta minha cintura. Pressionando nossos corpos. O calor emana da sua pele. Começo a abrir os olhos. Seu toque se torna mais leve. O calor desaparece. Já não sinto seu beijo. Acordo. Ainda sinto o sabor da sua boca. Meu coração bate desesperadamente. Quero você aqui comigo. Não quero mais sonhar. Queria ter dito uma coisa. Posso dizer agora? Posso? Eu também te amo – Sussurro.”

Após mostrar essa escrita para minha colega de classe, Nathália Barros, ela comentou que eu escrevo muitas palavras que terminam em *mente*. Desde então, percebo o gosto de usar mesmo essas palavras. Ao descobrir uma das obras de Tessler, percebi algo que chamou minha atenção, a exposição *A vida somente no parque*, que, segundo seu site, “é resultado de um deslocamento da memória das

diferentes etapas de um projeto de trabalho que envolveu a leitura do livro ‘A vida modo de usar’ de Georges Perec e conseqüente listagem de advérbios de modo cujo sufixo é ‘mente’.”

Figura 1 - Elida Tessler. A vida somente no parque, 2007



Fonte: Tessler (2007).

Esta obra de Elida me inspirou a escrever um algo pequeno, utilizando apenas palavras terminadas em ‘mente’. Este foi o resultado:

“Realmente é frequentemente e aparentemente infelizmente é decorrente inevitavelmente e lastimavelmente consequentemente loucamente apaixonadamente e somente isoladamente em minha mente.”

Além das palavras terminadas em *mente*, algo que também é frequente em minhas criações é a cor vermelha. Sempre uso o vermelho em minhas produções, quando quero expressar alguma agonia, inquietação. Na maioria das vezes, em minhas produções, o vermelho representa sangue. Costumo usar a palavra sangue ou sangrando, para expressar profundo sofrimento, como neste texto que escrevi em novembro de 2014:

“Penetra por minha garganta e segue até meu peito, atravessando a alma como um espinho em chamas. A dor transborda pelos olhos. Mais uma vez. Até onde posso suportar? Complicado expressar a agonia de viver sangrando.”

Também em novembro de 2014, pela primeira vez, usei o vermelho para expressar algo positivo:

Vermelho!

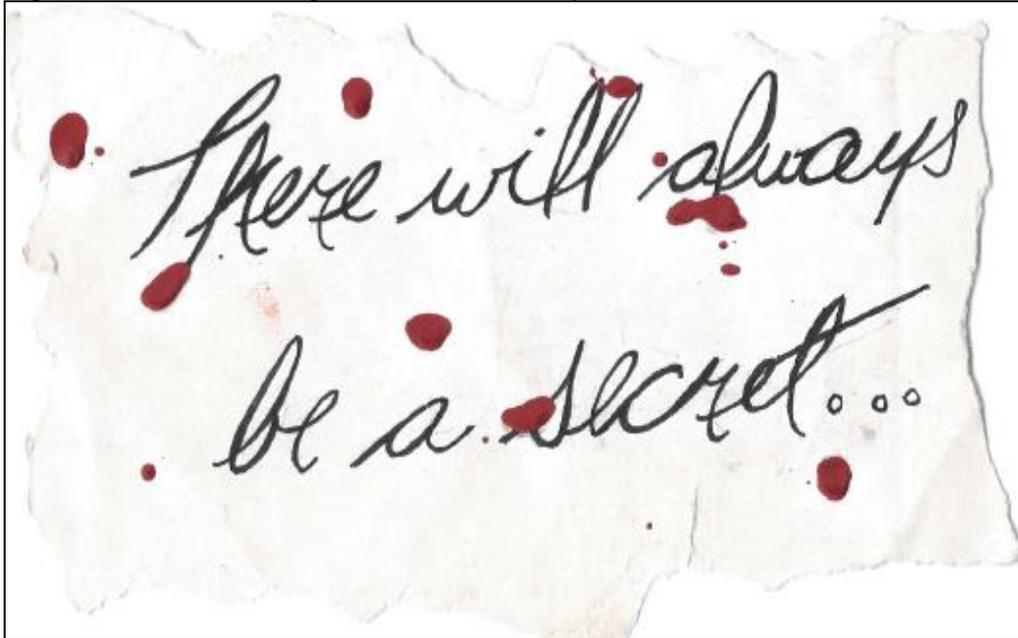
Vermelho é paixão, é intensidade, é sangue que corre! É ousadia, sensualidade, é desejo! Vermelho é pulsante, forte e marcante! É amor e carinho! Vermelho é vibrante, alegre e autêntico! Vermelho é vida! Então meu bem, desejo muito vermelho pra você!

Com essas palavras, eu quis expressar minha euforia do momento. Tenho um batom vermelho e percebi que só o uso quando estou de bom humor, feliz e me sentindo bem. Percebo então que, para mim, o vermelho pode variar em seu significado, mas ele nunca deixa de ser uma cor intensa, que não passa despercebida.

Definitivamente, o objeto de que a arte se ocupa, o que serve de termo à sua atenção e com ela às demais potências, é o mesmo que na existência cotidiana: figuras e paixões humanas. E denominará arte ao conjunto de meios pelos quais lhes é proporcionado esse contato com coisas humanas interessantes (GASSET, 1999, p. 26).

Em uma de minhas obras, uso a técnica da tinta vermelha para representar o sangue em uma folha arrancada de um livro. Escrevo a frase em inglês *there will always be a secret*, em português: *sempre haverá um segredo*, e do outro lado da folha, está escrito *a minha filha*. A frase *a minha filha* já veio escrita na folha, era parte do livro quando a arranquei para fazer o trabalho.

Figura 2 - Maíra Vefago. There will always be a secret, 2012



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 3 - Maíra Vefago. A minha filha, 2012



Fonte: Acervo do pesquisador.

Tal ligação, porém, surgiu após eu ter escrito e derramado a tinta, pois não percebi antes que já havia algo escrito. Nesta experiência o acaso acrescentou um novo aspecto para o meu trabalho, a experiência com a tinta derramada, que posteriormente desmancha as letras nos trabalhos em aquarela.

2.1 A MÚSICA QUE NÃO TOCO, MAS QUE ME TOCA

É inevitável que a música faça parte do que crio, pois, desde as minhas primeiras escritas, sou influenciada pelo ritmo e pela letra de cada canção que ouço, já que “a imaginação de um artista não trabalha no vazio, mas de um modo historicamente concreto. Ninguém parte de uma tábua rasa, do nada, mas da tradição que o seu ambiente lhe oferece” (VENTURI, 2002, p. 21).

Passamos por diferentes fases em nossas vidas. Sempre que passo por determinadas fases, também mudo minha forma de pensar sobre determinados assuntos e o meu gosto musical varia de acordo com essas fases. Na adolescência, uma das minhas maiores influências foi a cantora Pitty. Eu gostava das palavras que ela usava para expressar sentimentos ou indignação. Identificava-me com suas letras. Lembro que escrevia vários textos inspirados em suas canções. Trago, a seguir, a minha primeira escrita baseada em música, feita aos 16 anos de idade:

A ORAÇÃO

Se os fantasmas me perseguirem mandarei lembranças para o pessoal do além, mas, por favor, não pegue na minha mão, eu não tenho medo da solidão. A noite é a minha casa e o escuro é o meu quarto. A raiva é a minha paixão e o amor é o meu medo. Mande saudações os espíritos e não permita que eu ame alguém. Te peço por favor, me livre do amor, amém.

Essas palavras simplesmente surgiram em minha mente em um dia qualquer, antes de dormir. Peguei meu caderno de anotações e comecei a escrever. Elas não foram escritas ao pé da letra. Eram simplesmente pensamentos que iam surgindo e eu os colocava no papel. Lembro que queria fazer algo mais sombrio, queria experimentar as palavras de um jeito diferente do que eu estava acostumada a ler e a ouvir. Como algo que fosse provocar.

Este verso foi escrito após eu ouvir duas canções da cantora Pitty, chamadas: *Na sua estante* e *No escuro*. O trecho que chamou muito a minha atenção na música *Na sua estante* e acredito que me inspira até hoje é:

*Te vejo errando
Isso não é pecado
Exceto quando faz outra pessoa sangrar
Te vejo sonhando e isso dá medo*

Perdido num mundo que não dá pra entrar

As palavras errando, pecado, sangrar, sonhando, medo e perdido são avaliadas por mim, palavras fortes, ou seja, elas acarretam um peso maior para a composição escrita, elas são carregadas de acepções e, muitas vezes, causam desconforto, principalmente se colocadas todas juntas em um único verso. Talvez seja por isso que me identifico tanto com essa música. Porque ela é extremamente cheia de símbolos e sentidos. Ela é misteriosa e um pouco obscura.

Um dos versos da música No escuro diz:

*Quando tá escuro te vejo brilhar
É onde eu fico a vontade
Sem medo da claridade
Passo o dia inteiro esperando a noite chegar*

Então, logo em seguida, surgiu mais uma escrita movida por estas mesmas canções. Desta vez, elas me incitaram e fizeram brotar em mim a ânsia por versos que causassem um tipo de perturbação, por meio de palavras obscuras em contraste com palavras agradáveis. Como mostro abaixo:

“Facas me perseguem, vozes me assombram. Monstros acenam, vampiros me beijam. Isso já não me assusta, mas quando você me olha nos olhos, o medo me consome... O teu sorriso me apavora.”

As palavras beijo e sorriso, se ouvidas individualmente, dão uma ideia de romantismo, felicidade, mas, em contraste com as palavras perseguem, assombram, vampiros, assusta e apavora, elas se camuflam, e acabam fazendo parte de toda a negatividade das outras palavras, o que leva a pensar o conceito que as pessoas criam sobre o significado de cada palavra. Um sorriso não deveria impressionar menos do que o medo, mas a sensação causada pelo medo talvez seja mais marcante do que a sensação causada por um sorriso. No entanto, não diga isso a uma pessoa apaixonada. Ela irá discordar, pois nada causa mais *frisson* do que um sorriso de quem se ama. Chega-se, então, ao ponto que indica que cada palavra passa uma mensagem diferente, de acordo com a fase que cada um está passando. Este pensamento leva à ideia de que as palavras são mais pessoais do que nossos segredos mais antigos. Na verdade, as palavras são os segredos mais antigos.

[...] a arte não veio para explicar, ou para confirmar, nada, mas para nos fazer pensar e falar. Jamais pensamos sobre o que já sabemos e sempre falamos para procurar saber. Assim criamos novos sentidos que nos situam em um mundo sempre plural e em transformação (OSÓRIO, 2005, p. 64).

Alguns anos mais tarde, passei a ouvir frequentemente a banda Fresno. Suas canções, na grande maioria, eram melancólicas e sentimentais. Falavam de despedidas, desencontros, amores e traições. Eu gostava de passar horas ouvindo essas músicas e, então, escrevia coisas pessoais inspiradas nelas. A canção *Duas lágrimas*, em especial, chama muito a minha atenção, por ser uma das músicas mais melancólicas que já ouvi, que traz palavras que expressam uma despedida indesejada, por morte ou término de relacionamento, mas, em nenhum momento, a palavra morte é citada, nem um de seus sinônimos. Escrevo nesta mesma linha de pensamento, falando de algum assunto em específico, sem citá-lo diretamente. Criando imagens ao serem lidas, levando o leitor a chegar a suas próprias conclusões, através do caminho que ele mesmo acredita ser o mais apropriado. Quando alguém não interpreta minhas escritas da forma que eu penso, jamais digo ou acredito que está errado. São apenas diferentes formas de pensar, derivadas de diferentes experiências pessoais. E “as diferenças entre a posição do espectador e a do ator são fundamentais quando lidamos com a arte. Achar que faz, ou seja, o artista tem mais condição para julgar do que os demais é uma falácia recorrente” (OSÓRIO, 2005, p. 43).

Nem todas as minhas escritas são experiências pessoais, eu absorvo tudo que vejo ao meu redor e tenho a música com uma das principais influências.

Por volta dos 17 anos, passei a ouvir músicas internacionais, principalmente as bandas britânicas Coldplay e Beatles. Coldplay costumava trazer, em suas canções, a perda. A música *Fix you*, em português: *consertar você*, foi escrita pelo vocalista Chris Martin, para sua esposa na época, inspirado em uma frase que ela disse, quando perdeu seu pai: *just hug me because you're the only thing that can fix me right now*, em português: *apenas me abrace, porque você é a única coisa que pode me consertar agora*. Chris escreveu uma canção que fala sobre a perda, mencionando que, quando os problemas acontecerem, ele irá consertá-los. A escrita, para mim, também pode surgir a partir de uma única frase. Basta sentir a palavra. Quando apenas a ouvimos, não somos influenciados, a palavra deve ser sentida. Em qualquer momento, quando sinto algo, paro para

escrever pois, “na sua evolução, desde a experiência dos sentidos até à obra da imaginação, o artista atravessa um mundo conhecido como *sentimento*” (VENTURI, 2002, p. 19).

Os Beatles, uma das minhas maiores influências em criações até hoje, aparecem para mim em uma fase, onde a melancolia não é a única linguagem usada em minhas escritas. A banda possui canções mais alegres e dançantes, sempre falando de amor, que é a minha base para qualquer criação.

Costumava interpretar o amor como um sentimento muito melancólico, mas, a partir das músicas dos Beatles, percebi que este sentimento é composto também por alegria e bom humor. Então, surgiram as cores em minhas criações. As formas, os desenhos. Saí da linguagem apenas da escrita e passei a trabalhar com a composição da imagem com a palavra. Toda a emoção que cada canção me passa, transmito para o papel. A música é uma linguagem muito especial para quem, assim como eu, simpatiza com a palavra. O seguinte autor discute esse assunto:

Numa obra poética, por exemplo, a relação entre a composição dos sons (a eufonia) e significação das palavras que entram na eufonia pode provocar relações significativas entre palavras que no texto não estão em ligação significativa direta; podem destacar-se as palavras importantes para o sentido global do poema de maneira que o grupo de sons característico de uma palavra se repita muitas vezes no texto sem ser repetida a própria palavra, etc (MUKAROVSKY, 1997, p. 142).

Desde que passei a ouvir Beatles diariamente, me tornei muito mais eclética e minhas criações muito mais abrangentes, em termo de temas abordados e até mesmo a forma de abordá-los.

2.2 UM CORAÇÃO BILINGUE

Após ser fortemente influenciada pela música em minha vida, cada vez mais me interessei pelo idioma inglês, já que passei a ouvir com frequência músicas internacionais, principalmente de bandas originadas no Reino Unido. Desde então, por deixar a música entrar em mim, acabei sendo moldada à sua maneira e, conseqüentemente, minha facilidade para me expressar em inglês aumentou a cada dia.

O que eu não imaginava era que essa facilidade se sobressairia inclusive ao português, minha língua mãe.

Descobri também a magia que há por trás das diferentes formas que os seres humanos costumam verbalizar seus pensamentos. Que cada idioma é especial. Em cada um deles, há uma palavra para se referir a algo que não há tradução para outras línguas. Há também o contrário, como a palavra saudade, que só existe no português falado no Brasil. O **blog dictionary.com** abordou esse tema e explicou essa palavra, claro em inglês. Aqui trago a tradução:

Saudade

Este termo refere-se ao português intraduzível, ao desejo melancólico ou anseio. Um tema recorrente no português e na literatura brasileira, saudade evoca uma sensação de solidão e incompletude. O estudioso português Aubrey de Bell tenta destilar este complexo conceito em seu livro de 1912, em Portugal, descrevendo saudade como "um desejo vago e constante por algo que não é, provavelmente, não pode existir, por algo que não é o presente." Ele continua a dizer que saudade "não é um descontentamento ou tristeza pungente, mas uma melancolia sonhadora indolente." Saudade pode mais casualmente ser usado para dizer que você sente falta de alguém ou alguma coisa, mesmo que você verá a pessoa ou coisa em um futuro próximo. É diferente de nostalgia, se pode sentir saudade de algo que não aconteceu, enquanto que a nostalgia é "um desejo sentimental de felicidade por um antigo lugar ou época".

Desde que descobri que saudade é uma palavra intraduzível, passei a explicá-la para todos os estrangeiros que conheço. Percebi que, ao explicá-la, as respostas sempre são positivas, como: 'sim, eu sei o que é esse sentimento, eu sinto isso!'. O que me leva a pensar que um idioma apenas não é suficiente para eu expressar tudo que sinto, tudo que penso.

Muitas vezes, para me expressar, preciso recorrer ao inglês. Grande parte das coisas que gosto envolvem esse idioma, seja música, filmes, seriados ou poemas, e isso se reflete em minhas criações.

3 MINHAS CRIAÇÕES DURANTE ESTA PESQUISA

Trago, também, pensamentos e inquietações pessoais que não gosto de revelar quais são exatamente. Há obras que dou pistas ao falar sobre ela, mas não gosto de explicar o que eu quis dizer, pois uma das minhas intenções, ao criar uma obra, é produzir perguntas na cabeça do espectador, e não dar respostas.

Gosto do mistério que há por trás das palavras e gosto quando cada espectador cria sua interpretação sobre a obra.

Eu estava pesquisando sobre alguns artistas que trabalham com palavras e encontrei Mira Schendel. A primeira obra sua que vi segue abaixo:

Figura 4 - Mira Schendel. Sem título, da série objetos gráficos, 1967



Fonte: Alkayat (2013).

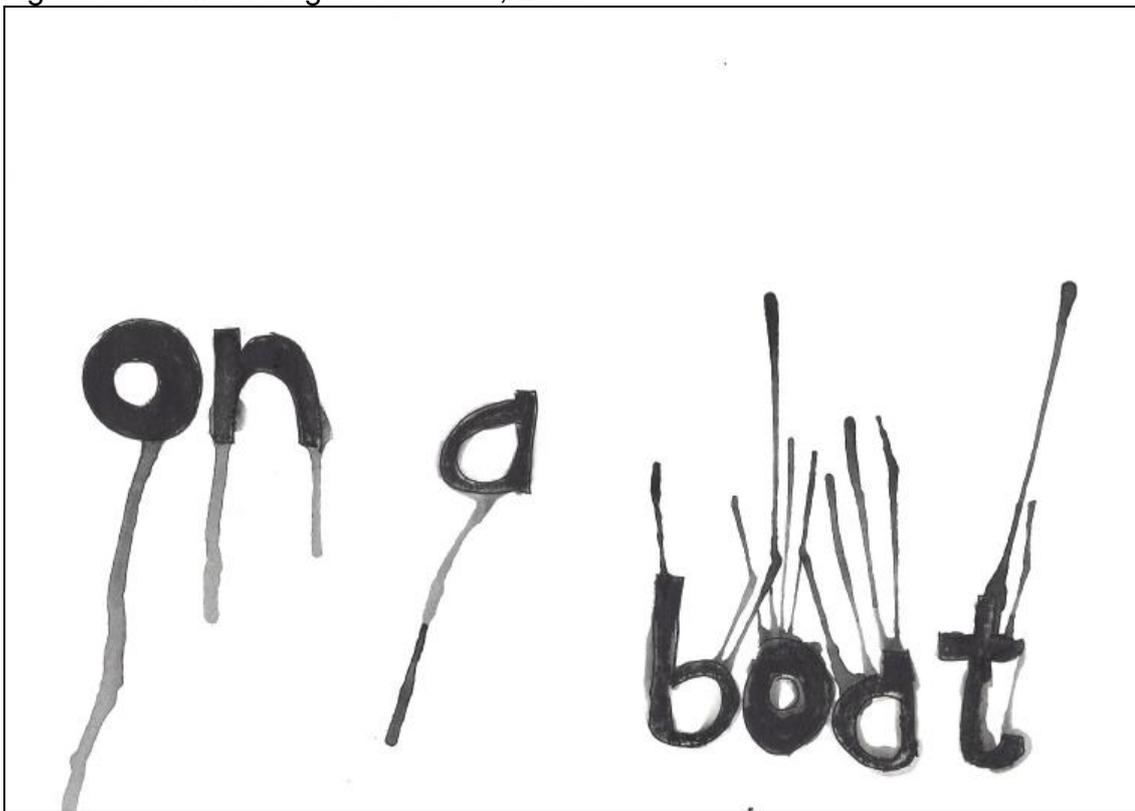
A diferença de tamanho entre as letras e a utilização de letras pretas sobre o branco, causando um contraste, influenciaram o meu fazer artístico.

Decidi, então, que criaria algo inspirado nessa obra:

ON A BOAT

Pensei no que escrever enquanto, em minha mente, a introdução da música dos Beatles *Lucy in the sky with Diamonds* repetia insistentemente. Eu cantava *'Picture yourself 'on' a boat on a river...'*, mesmo sabendo que a letra correta diz in a *boat* ao invés de *on a boat*, eu continuava persistindo no erro. Então, decidi registrar este erro, utilizando lápis de cor aquarela. Em grande parte das minhas criações utilizei esse material, pois me ajudaria a criar o efeito de 'imperfeição' que eu buscava. Ao escrever no papel a frase *on a boat*, com lápis aquarela preto, coloquei bastante água para borrar as letras e criar o efeito de molhado, escorrido. No fim, esta obra é um reflexo de um erro persistente.

Figura 5 - Maíra Vefago. On a boat, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador.

RIVER

Inspirada na mesma música dos Beatles, *Lucy in the sky with diamonds*, resolvi criar mais uma obra, utilizando lápis de cor aquarela. Dessa vez, desenhei o rio e o barco citados na letra e a palavra *river* aparece no barco. *River* quer dizer rio.

Utilizei essa palavra ao ouvir a introdução da letra. As palavras *boat* e *river* se sobressaem em minha mente, então, as representei escrevendo *river* no barco, que em inglês é *boat*.

As cores amarela e laranja foram utilizadas no céu e na água para dar a impressão de amanhecer ou entardecer.

Figura 6 - Maíra Vefago. River, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador.

A LOVED ONE

Ainda não satisfeita, resolvi explorar, mais uma vez, esta mesma canção. Desta vez, escolhi o próprio nome da música *Lucy in the sky with Diamonds*, em português: *Lucy no céu com diamantes*. Utilizando tinta aquarela, a cor azul representa o céu e o amarelo os diamantes. Optei por essas cores, pois eu queria que a obra parecesse um pouco infantil e nada óbvia, já que a música foi escrita por John Lennon, vocalista e guitarrista dos Beatles, inspirado em um desenho que sua

filha fez de uma amiga chamada Lucy. Para finalizar, escrevi o nome Lucy com lápis aquarela, mas não completei as letras, escrevi apenas da metade da palavra para baixo, fazendo o telespectador pensar um pouco mais sobre o que está lendo. O nome *a loved one*, em português: um (a) amado (a) vem da ideia de brincar com a ideia da palavra Lucy, já que este é o nome da minha gata de estimação, resolvi nomear a obra me referindo a ela.

Figura 7 - Maíra Vefago. *A loved one*, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador

SUBMARINE

A obra *Submarine* surgiu por meio da música dos Beatles, *Yellow submarine*, em português: *submarino amarelo*. Nesta, não há muito por trás da criação, além da cor utilizada e da palavra. Utilizei tinta aquarela amarela, deixando a parte superior mais saturada e a parte inferior mais desbotada, criando um efeito *dégradé*. Escrevi, então, a parte inferior da palavra *submarine*, ficando,

praticamente, impossível de compreender, mas o título da obra revela o que está escrito.

Figura 8 - Maíra Vefago. Submarine, 2015

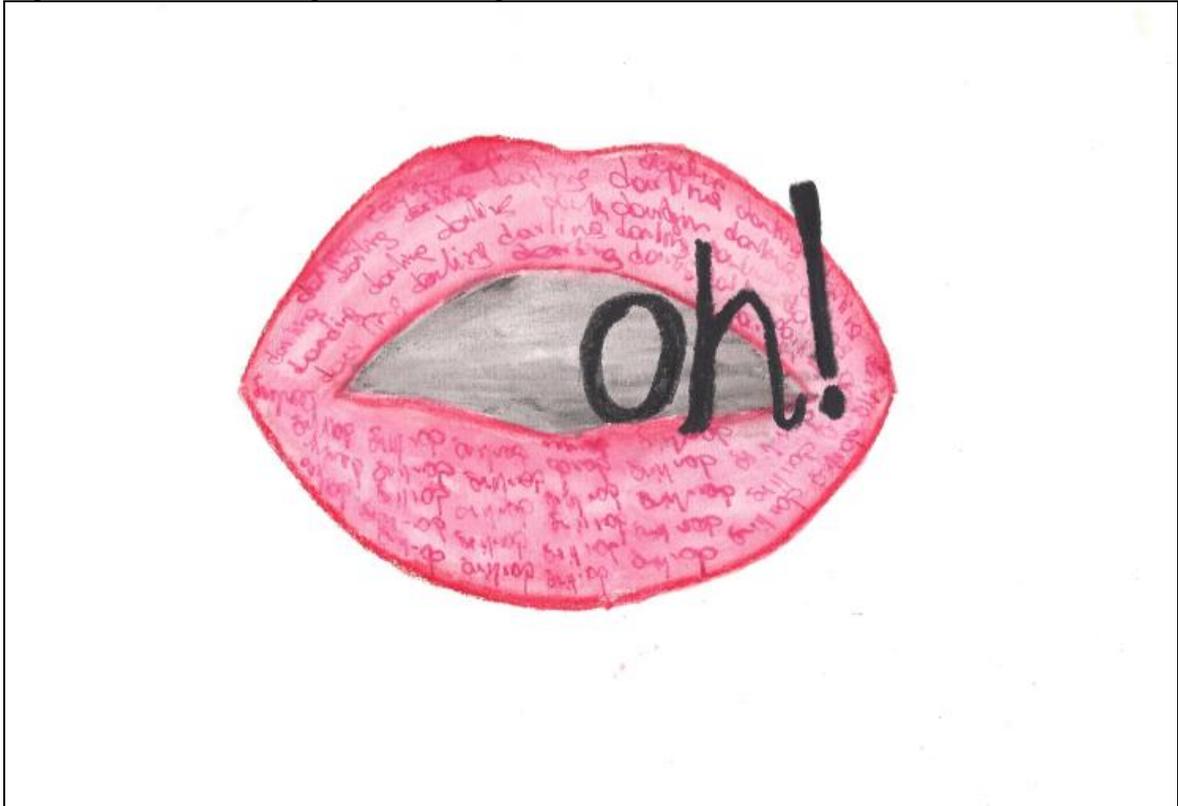


Fonte: Acervo do pesquisador.

OH DARLING!

Oh darling, em português: *oh querido (a)*, é uma das minhas canções preferidas dos Beatles. Percebi que, sempre que ouço ou canto essa música, *oh darling!*, imagino lábios femininos em formato de 'O' cantando. Resolvi, assim, materializar minha ideia por meio desta obra, utilizando lápis aquarela, trazendo a palavra *darling* escrita por toda parte nos lábios desenhados.

Figura 9 - Maíra Vefago. Oh darling!, 2015



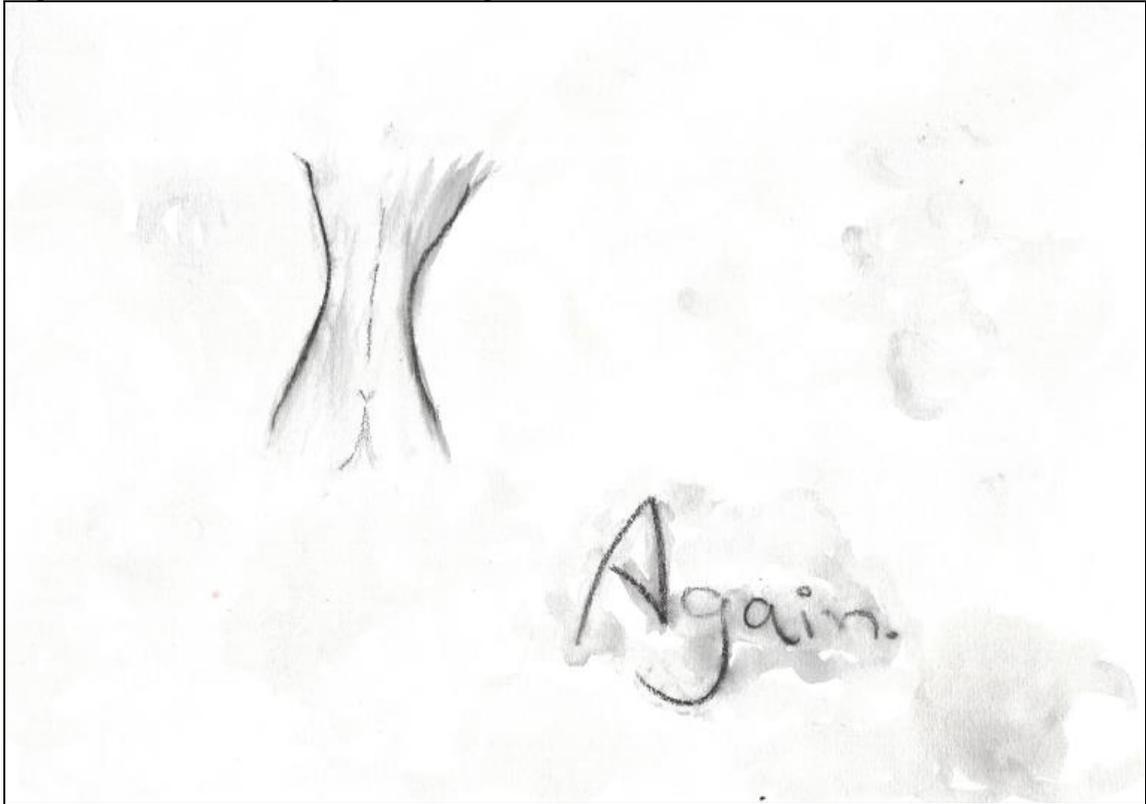
Fonte: Acervo do pesquisador.

BACK AGAIN

Mais uma música dos Beatles, *This boy wants you back again*, em português: Esse garoto quer você de volta outra vez.

A palavra *back* tem mais de um significado. No caso da música, ela quer dizer de volta, mas, em outro contexto, pode significar costas. Decidi, dessa vez, fazer um trocadilho. *Back again* é uma parte da música que fica gravada em minha mente, quando a ouço. Desenho, então, utilizando lápis aquarela preto, as costas femininas, e escrevo a palavra *again*. No contexto geral, pode significar de volta outra vez ou dar as costas outra vez. É interessante deixar o espectador criar a sua própria ideia sobre a obra.

Figura 10 - Maíra Vefago. Back again, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador.

HELP!

A música *Help!* é uma canção animada, contagiante e até romântica. Ao me inspirar para esta obra, decidi fazer algo que não lembrasse a letra da música. Foi, então, que resolvi utilizar apenas seu nome. Com tinta vermelha, escrevi a palavra *help* de uma forma quase ilegível, como se ela estivesse sendo escrita justamente por alguém que estava pedindo ajuda. A tinta vermelha representa sangue, inquietação e agitação.

Figura 11 - Máira Vefago. Help!, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador.

BLEEDING

Bleeding, em português: *sangrando*. Quando utilizo as palavras: sangue, sangrar e sangrando, em minhas obras ou escritas, esta é a minha forma de representar dor, angústia e tristeza. Utilizei caneta nanquim e lápis aquarela vermelho, pois gosto da combinação vermelho e preto, para expressar essas emoções. Esta obra traz inquietações pessoais. É exposta da cabeça para baixo, pois é assim que me sinto às vezes, um pouco deslocada. Mas nem sempre é ruim. Prefiro fazer com que o espectador se questione sobre o que o deixa de cabeça para baixo e sangrando.

Figura 12 - Máira Vefago. Bleeding, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador.

4 A PALAVRA ASSISTIDA

Nas artes visuais, a palavra deve ser além de lida, assistida. Deve-se parar para contemplar o que há além do significado das letras colocadas em certa ordem. Deve-se apreciar suas formas, cores, tamanhos, ambientes ou lugares em que aparecem. Assisti-las como se assiste a um filme, prestando atenção no que surgirá em seguida.

Percebe-se que o envolvimento da linguagem da escrita em uma obra de arte pode dar mais mistério, trazer inquietações e questionamentos que fazem o espectador pensar e querer descobrir o que há por trás do que se está vendo. Qual o significado daquilo? Será que faz algum sentido? Será que é para fazer sentido? Muitas vezes, essas obras trazem significados ocultos, mas, em outros momentos, são bem explícitos. Tão explícitos que te fazem questionar se é isso mesmo que o artista quer transmitir, pois:

[...] a linguagem não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar (FOUCAULT, 2000, p. 51).

É interessante apreciar obras com essa linguagem misteriosa e é dessa forma que gosto de criá-las: para causar reflexão e para serem decifradas. A palavra tem o poder de fazer as pessoas viajarem no sentido dela e isso pode ser algo muito pessoal. Por esta razão, gosto de brincar com seus sentidos. Toda palavra tem uma mensagem diferente para cada um de nós. “Dado que a primeira experiência do mundo exterior é dada ao Homem pelos sentidos, a imaginação é aquela atividade espiritual que realiza a síntese das experiências dos sentidos” (VENTURI, 2002, p.19). Uma obra pode ser rica em significados, mesmo que o artista tenha a intenção de passar apenas uma mensagem; não há como evitar essa amplitude de pensamentos e ideias que ela passa para cada pessoa.

As palavras têm um peso maior. Em alguns momentos, elas podem chocar, pois, devido ao fato de estarmos acostumados a usá-las como forma de comunicação no nosso dia a dia, não é comum que paremos para pensar sobre o peso de cada uma delas, não tentamos entendê-las e interpretá-las todos os dias de uma forma profunda e cuidadosa. Ducrot (1987, p. 53) observa que “admitir por

ponto de partida empírico que os enunciados em si mesmos, fora de qualquer contexto, têm uma significação, é dar-se como primeira tarefa observar e descrever esta significação.” Usar essa linguagem da significação em obras de arte é uma maneira de ter consciência do que cada uma delas transmite para cada um de nós. Às vezes, pode causar certo desconforto, já que, normalmente, as palavras não vêm ‘mastigadas’. Na arte, elas nem sempre estão lá para ser óbvias, como estamos acostumados em situações cotidianas. Não estão lá para esclarecer, muito pelo contrário. Muitas das vezes, elas estão lá para confundir, provocar e perturbar, resultando, então, na nossa reflexão sobre elas e sobre a obra em questão.

As palavras agrupam sílabas e as sílabas, letras, porque há, depositadas nestas virtudes que as aproximam e as desassocia, exatamente como no mundo as marcas se opõem ou se atraem umas às outras. O estudo da gramática repousa, no século XVI, na mesma disposição epistemológica em que repousam a ciência da natureza ou as disciplinas esotéricas. As únicas diferenças são: há uma natureza e várias línguas; e, no esoterismo, as propriedades das palavras, das sílabas e das letras são descobertas por um outro discurso que permanece secreto, enquanto na gramática são as palavras e as frases de todos os dias que, por si mesmas, enunciam suas propriedades. A linguagem está a meio caminho entre as figuras visíveis da natureza e as conveniências secretas dos discursos esotéricos (FOUCAULT, 1999, p. 52).

É interessante explorar os sentidos ambíguos que elas têm e a forma que elas ecoam na imaginação, na construção de seus sentidos, confrontando-os em nossas mentes.

Existem várias maneiras de passar uma determinada mensagem por intermédio da escrita. Uma mesma palavra pode ter significados opostos, se trabalhada de uma forma específica: o contorno feito de uma maneira diferente, o material utilizado, o local onde a palavra é empregada, a cor das letras, como ela é escrita, se é manualmente ou digitada, o idioma, o tamanho da fonte, se é projetada. Todo o processo traz infinitas formas de interpretar a escrita. A maneira como a palavra é utilizada pode ser uma das chaves para uma boa interpretação de obra. Interpretação esta que pode ou até mesmo deve ser totalmente pessoal, já que, de acordo com Sontag (1987, p. 13):

Nenhum de nós poderá jamais recuperar a inocência anterior a toda teoria, quando a arte não precisava de justificativa, quando ninguém perguntava o que uma obra de arte *dizia* porque sabia (ou pensava que sabia) o que ela *realizava*. A partir desse momento até o fim consciência estamos comprometidos com a tarefa de compreender a arte. Podemos apenas

contestar um ou outro elemento de defesa. Na realidade, temos a obrigação de derrubar qualquer elemento de defesa e de justificativa da arte que se torne particularmente embotado ou opressivo ou insensível para com as necessidades contemporâneas.

4.1 ALGUNS ARTISTAS QUE UTILIZAM PALAVRAS EM SUAS OBRAS

Segundo Canton (2009, p. 43) “desde o final dos anos 1960 e início dos anos 1970, artistas conceituais como Joseph Kosuth se apropriam de palavras escritas em neon como obras de arte em si.” Kosuth se apropriava também de diferentes cores. Na maioria das vezes, suas obras envolvem palavras em neon e ele também trabalha com a imagem em si, o que vemos. Como um exemplo, uma de suas obras diz *three color sentence*, em português: *frase em três cores*, cada uma dessas três palavras está em uma cor diferente, vermelho, azul e verde. Neste caso, percebe-se a palavra interagindo com a imagem, pois é necessário ler e observar as cores.

Figura 13 - Joseph Kosuth. Three Color Sentence, 1965



Fonte: Deli Art (2013).

Essa junção de palavra e imagem e essa ideia do neon são também abordadas nas criações da artista canadense Kelly Mark, pois suas obras podem fazer o observador pensar sobre variadas formas de interpretação.

Trago como exemplo a obra *nothing is so important that it needs to be made in six foot neon*, em português: (*nada é tão importante que precisa ser feito de neon a seis pés de altura*³).

Figura 14 - Kelly Mark. *Nothing is so important that it needs to be made in six foot neon*, 2009



Fonte: Diaz Contemporary (2015a).

A obra em si é feita de neon e está a seis pés de altura. Isso leva a uma discussão sobre o material utilizado e o local onde as palavras foram colocadas, uma vez que, se elas estivessem escritas a lápis no chão, essa frase não teria a mensagem que tem, não teria contradição alguma, mas a intenção é que haja, pois essa contradição pode formar um conflito, um debate interior provocante, pode fazer-nos discutir sobre a relevância do que nós consideremos realmente importante. Mas cada um interpreta de sua maneira, é interessante saber que não há o certo e o errado, quando se trata de interpretar uma obra:

Na realidade, temos a obrigação de derrubar qualquer elemento de defesa e de justificativa da arte que se torne particularmente embotado ou opressivo ou insensível para com as necessidades e a prática, contemporâneas (SONTAG, 1987, p.13).

³ Unidade de medida para altura usada na América do Norte e alguns países da Europa. *Six foot* representa 182 centímetros.

Em 2014, Mark cria a obra *Every(no)thing is (im)possible*, em português: *tudo(nada) é (im)possível*. Mais um trabalho que traz a palavra e a imagem ligadas às artes visuais.

Figura 15 - Kelly Mark. *Every(no)thing is (im)possible*, 2009



Fonte: Diaz Contemporary (2015b).

A frase foi colocada em um determinado posicionamento, fazendo com que seja possível ler seus dois sentidos. Pensou-se, então, no lugar da palavra para esta obra, o posicionamento das letras foi arquitetado, para que houvesse a possibilidade de duas formas de leitura. Se a sílaba ‘no’ não estivesse sobre a sílaba ‘thi’ e a sílaba ‘im’ não estivesse sobre a sílaba ‘po’, a obra teria um contexto completamente diferente. ‘Tudo é possível’ e ‘nada é impossível’, são duas frases com antônimos, e no fim as duas dizem a mesma coisa. Acredito que, quando um artista usa frases amplas como essas que dizem algo, mas que podem significar coisas diferentes para cada um de nós, é uma forma de se comunicar indiretamente por meio da palavra, já que “[...] numa obra poética, não só componentes formais, mas também as diversas palavras, as componentes fonéticas, as formas gramaticais, as componentes sintáticas (construção da frase), a fraseologia, etc” (MUKAROVSKY, 1997, p. 142).

Jenny Holzer, artista norte-americana, usa as palavras *você* e *eu* que dão um sentido mais direto às suas frases; no entanto, elas também podem ser vistas de

formas diferentes. Em 1989, Holzer fez uma instalação⁴, onde várias frases apareciam em vermelho, amarelo e verde.

Figura 16 - Jenny Holzer. Untitled (Selections from Truisms, Inflammatory Essays, The Living Series, The Survival Series, Under a Rock, Laments, and Child Text), 1989



Fonte: Guggenheim (2015).

Iniciando pela frase de cima na imagem, em amarelo, ela diz: *quando algo terrível acontece, as pessoas acordam*. Fica claro que Holzer faz uma analogia aos sonhos. Quando estamos tendo um pesadelo, por exemplo, sempre acordamos quando algo ruim vai acontecer. Mas Holzer pode estar querendo transmitir uma mensagem além dos sonhos, como situações que acontecem conosco enquanto estamos acordados, vivendo nossas vidas reais. A esse respeito, Dorfles (1992, p. 23), salienta que “da imagem ao símbolo o caminho é breve, ainda que pavimentado por labirintos escorregadios. De fato: apenas usando as mais ousadas metáforas poder-se-á tentar fundar um discurso que verta sobre esses assuntos!” Nesta obra, a metáfora de Jenny está interligada entre ficção e realidade.

⁴ Chamada instalação *Selections from Truisms, Inflammatory Essays, The Living Series, The Survival Series, Under a Rock, Laments, and Child Text* no Museu Solomon R. Guggenheim, em Nova Iorque.

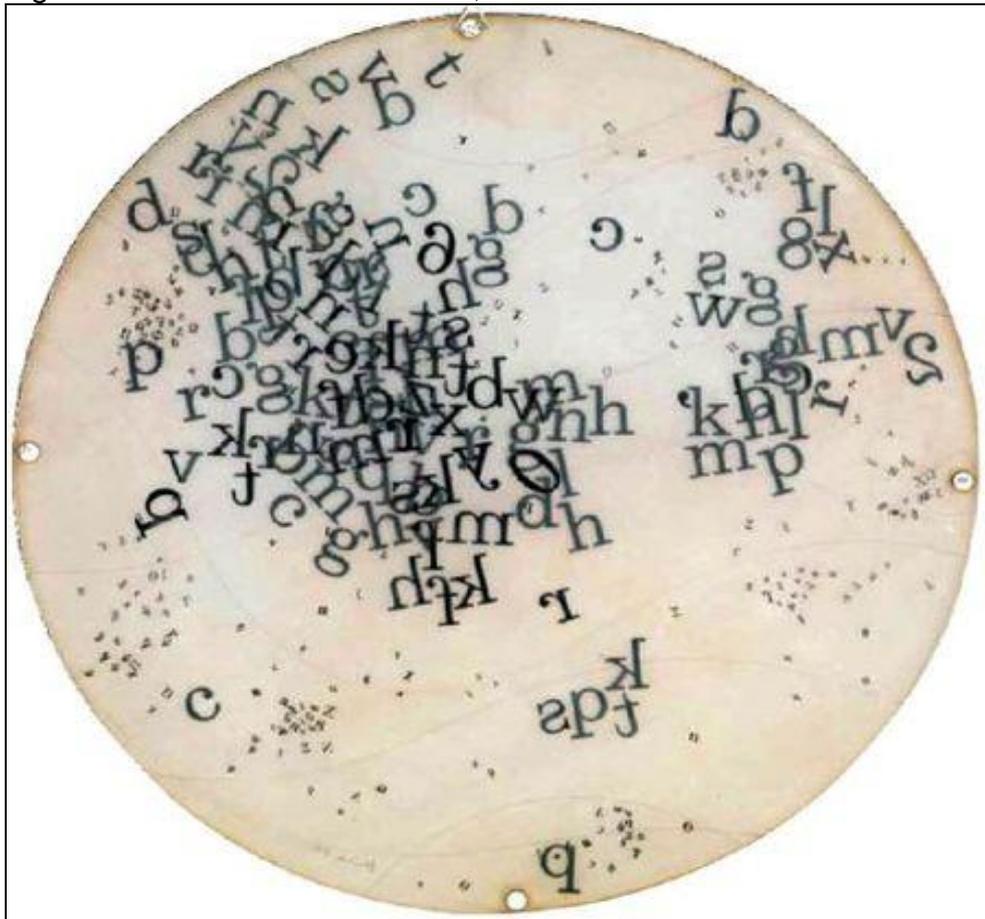
Na segunda frase, de cima para baixo, lê-se: *com perseverança você pode descobrir qualquer verdade*. Desta vez, a artista usa palavras encorajadoras. Chamou a minha atenção a forma com a qual ela trabalhou as cores, pois, apesar de ser uma frase que encoraja, ela está em vermelho, uma cor que, quando escrita em LED⁵, muitas vezes, pode lembrar algo proibido. Na terceira frase, há a presença de duas cores, o amarelo e o verde, *you are a victim of the rules you live by*, em português: *você é uma vítima das regras pelas quais você vive*. Jenny se dirige diretamente ao espectador, ao usar a palavra *você*. Quando crio algo, penso muito sobre isso, pois sei que há mais impacto quando o espectador se sente incluso na obra, lê uma mensagem diretamente feita a ele. Muitas vezes, acredito que quem aprecia a obra pode se sentir incomodado com a mensagem que lê, ou até mesmo ofendido, mas isso não pode impedir um artista de usar essas palavras que têm o poder de causar essa inquietação, já que as inquietações fazem com que a obra não passe despercebida, mas “o juízo de gosto é subjetivo, mas isto a princípio só implica o fato de ele ser uma experiência sentida pelo sujeito e não um predicado do objeto. Quem tem papel destacado aí é a imaginação” (OSÓRIO, 2005, p. 27).

Esta instalação conta com outras frases, já que as palavras eram feitas com luz de LED e giravam em círculo no teto do Museu. Citarei outros trabalhos de Jenny Holzer mais à frente, ao abordar o assunto o lugar da palavra.

As palavras sempre são formadas por letras, mas nem sempre as letras precisam formar palavras. É o caso do trabalho da artista plástica suíça que mudou para o Brasil, Mira Schendel. A maioria de suas obras que envolvem letras não formam palavras. Elas, geralmente, trazem o contraste do branco e do preto e exploram as letras e diferentes tamanhos. O que diferencia essas obras é a quantidade de letras utilizadas pela artista e a forma com que elas são colocadas. A seguir, apresento três exemplos de obras envolvendo letras, mas distintas umas das outras:

⁵ LED é a abreviação de *light-emitting diode*, em português: diodo emissor de luz.

Figura 19 - Mira Schendel. Disco, 1967



Fonte: Lima (2013).

Mira utiliza as letras de maneira que uma imagem se forme, passando sensações por meio dela, mesmo que não haja palavra alguma escrita. Sim, Mira mostra que a letra por si só já fala, já expressa, basta variar seus formatos, cores, posições e tamanhos.

A artista também trabalhava com palavras formadas, mas trago estas imagens para ressaltar sobre a letra e as possibilidades de utilizá-las isoladamente. Na figura 5, percebe-se a predominância da letra *a* e outras três letras: *m*, *x* e a *u* invertida, o que traz o mistério e o símbolo à obra, justamente o que gosto de ter em meus trabalhos, ou seja, as mensagens ocultas por trás das palavras, e somente o artista sabe que elas estão ali. Na figura 6, o alfabeto aparece em letras repetidas que mudam de tamanho e de formato. Elas começam no centro e vão para fora, formando uma espécie de redemoinho do *a* ao *w* até se dissolver por completo.

Rosana Ricalde (2012, p. 20) lembra, em uma de suas falas, sobre sua exposição PALAVRAS COMPARTILHADAS, que “[...] Clarice Lispector dizia que se

ela fosse para uma ilha deserta levaria o dicionário, por que nele estão contidos todos os livros”, com este olhar, pode-se comparar o alfabeto com o dicionário e os livros com as palavras e entender que todas as palavras estão contidas no alfabeto. Desta forma, a obra de Mira Schendel em questão carrega infinitas palavras. Na figura 19, Mira usa o mesmo formato nas letras, mas as traz invertidas ou de cabeça para baixo. Percebe-se, também, a presença de números. É interessante observar a utilização do espaço que a artista fez na obra, deixando algumas partes mais vazias e outras completamente preenchidas, dando a impressão de caos, desordem.

Além de Schendel, a artista catarinense Raquel Stolf também explora, em seu trabalho, as letras. Em 2001, em sua exposição *Entre a palavra pênscil e a escuta porosa*, a artista expõe sua obra *Palavra-migalha*, por intermédio de uma fotografia, onde as letras aparecem despedaçadas e fora de ordem no chão.

Figura 20 - Raquel Stolf. Palavra-migalha, 2001



Fonte: Memorial Meyer Filho (2011).

Não é possível saber quais palavras foram utilizadas pela artista, e justamente por isso, a obra se torna misteriosa, mas é possível ler seu título, e nele mesmo a artista faz o uso da palavra para poetizar sua obra: a palavra ‘migalha’.

Segundo o dicionarista Aurélio: “mi-ga-lha *sf.* Pequeno fragmento de pão, de bolo, ou de outro alimento farináceo” (FERREIRA, 2000, p. 462). Pode-se pensar

que Raquel ligou a imagem das letras juntamente com a palavra “migalha”, para quem sabe dizer que as palavras são nosso pão de cada dia e elas estão em migalhas, ao chão. Palavras esmigalhadas são momentos esmigalhados, sensações esmigalhadas. Ela poetiza suas obras utilizando as letras, que formam as imagens, e envolve o significado da palavra ao pé da letra, ironicamente, utilizando uma mensagem metafórica e tal mensagem está diretamente ligada à minha linha de criação. O poeta contemporâneo propõe um sistema que não é mais o da língua em que se exprime, mas também não é o de uma língua inexistente, “introduz módulos de desordem organizada no interior de um sistema para aumentar-lhe a possibilidade de informação” (ECO, 2003, p. 124).

As acepções, sentidos e definições deslizam durante a investigação pela poética do artista.

Não gosto de revelar o que eu quero dizer com minhas escritas, gosto quando as pessoas leem e imaginam, criam suas próprias versões do que escrevi, mas posso afirmar que, com essas palavras, eu quis dizer que há certa coisa em minha mente, algo que há somente dentro da minha imaginação, pois “a imaginação criadora de obras de arte não foge da realidade; pelo contrário, penetra-a, colhe nela o aspecto que a identifica com o modo de sentir do artista, revelando assim aquilo que, na realidade, se furta ao conhecimento da razão” (VENTURI, 2002, p. 19).

Nesta linha de pensamento, trago o cantor, compositor, escritor e artista plástico Arnaldo Antunes, que, em algumas de suas obras, trabalha com palavras quase ilegíveis, como é o caso da obra *Transparente*, de 2005. É interessante perceber a forma como o artista escreve, com tinta vermelha, repetidamente escrevendo a palavra *transparente*, de forma que as letras quase escorrem, dificultando a leitura, formando possíveis desenhos.

Figura 21 - Arnaldo Antunes. Transparente. Da série Caligrafias, 2005



Fonte: Catálogo das Artes (2015).

Neste trabalho, é importante analisar a maneira que Arnaldo escreveu a palavra 'transparente'. O formato das letras juntamente com a cor escolhida e o material utilizado dão corpo à obra, de maneira que sua mensagem seja passada de forma única e intrigante. Em seu livro *As coisas*, de 2002, ele brinca com os significados, com a simplicidade e com a rima das palavras. "Todas as coisas do mundo não cabem numa ideia. Mas tudo cabe numa palavra, nesta palavra tudo". (ARNALDO, 2002, p. 25).

A artista Rosana Ricalde (2012, p. 16) tem paixão pela palavra:

[...] *Persisto*. Ele aborda o castigo também, escrever como um castigo, como antigamente, o ato de escrever milhares de vezes como uma punição por um erro para que nunca mais se repita. Esse trabalho é inspirado na ideia da escrita como um castigo. Tenho prazer em escrever.

Rosana se refere à sua obra *Persisto*, onde ela escreve a palavra em papel repetidamente até o fim do lápis. Neste caso, é importante que o espectador saiba como foi o processo de criação da obra. Isso muda a forma de apreciá-la,

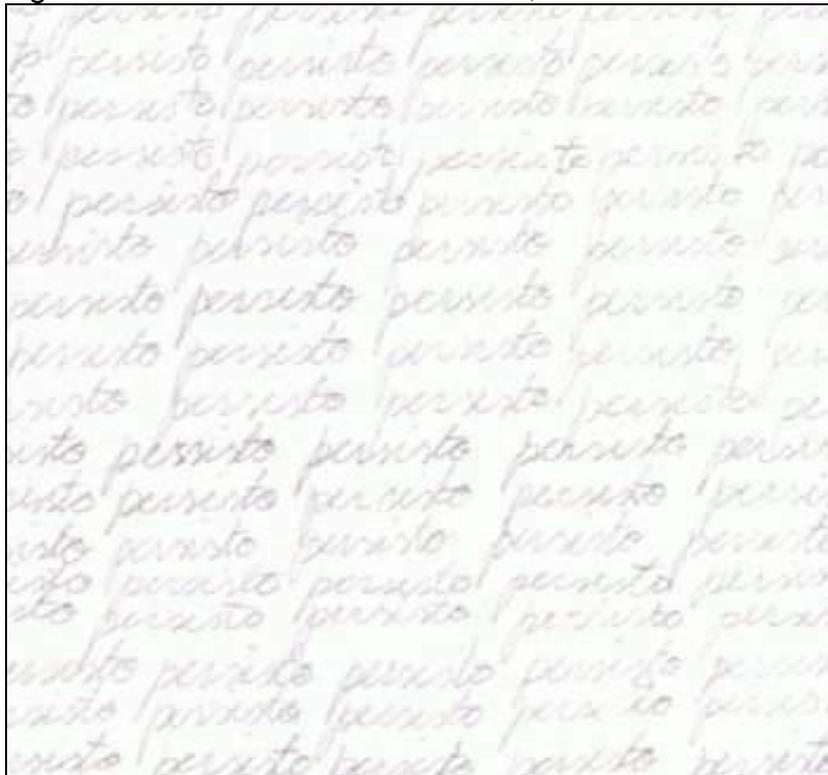
muda as perguntas em sua mente. O fato de escrever sempre a mesma palavra usando sempre o mesmo lápis até que ele se acabe, por si só já é uma representação de persistência. Por ler estas palavras tantas vezes, é interessante observar que ela acaba se tornando mais significativa, pois, pela primeira vez, as pessoas param diante dela e leem repetidamente.

Figura 22 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004



Fonte: Muvi Museu Virtual de Artes Plásticas (2015).

Figura 23 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004



Fonte: Muvi Museu Virtual de Artes Plásticas (2015)

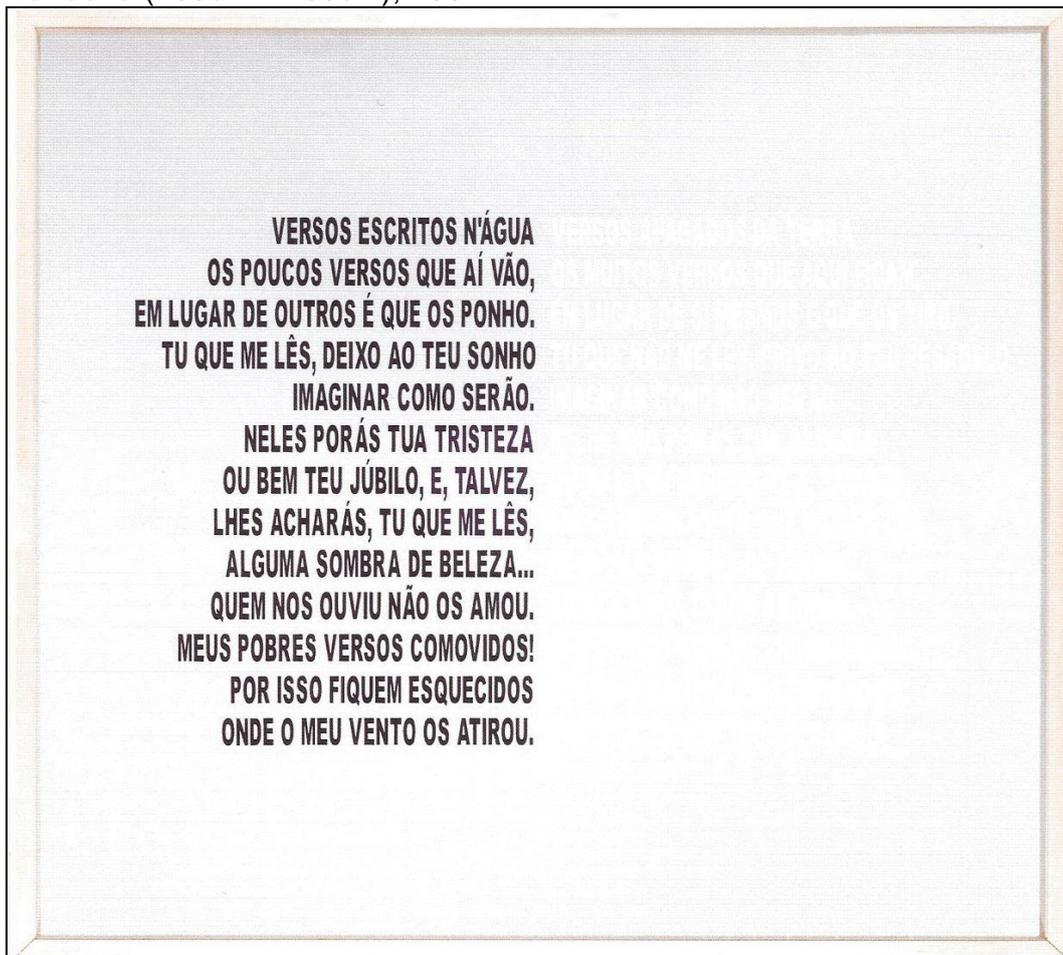
Figura 24 - Rosana Ricalde. Persisto, 2002-2004



Fonte: Muvi Museu Virtual de Artes Plásticas (2015)

Em 2004, Rosana Ricalde faz a exposição PALAVRAS COMPARTILHADAS⁶. Na série CONTRAPOEMAS, a artista escolhe seus poemas preferidos e os reescreve com antônimos. Ela expõe as obras com o poema original em letras pretas com o fundo branco e o *contrapoema* em branco logo ao lado, em branco.

Figura 25 - Rosana Ricalde. Poema “versos escritos n’água” de Manoel Bandeira (100cm x 100cm), 2004



Fonte: Ricalde (2012, p. 19).

Na primeira vez que li o contrapoema acima, fiquei fascinada com o jeito de Rosana poetizar algo que já era um poema. Li três vezes, de três formas diferentes. Primeiro li o poema original; depois li o contrapoema; e, por último, li os dois simultaneamente, como se fossem um poema só. É curioso observar que

⁶ A exposição Palavras Compartilhadas apresenta três momentos relacionais entre a escrita e três motivos - imagem, paisagem e construção textual - reunidos sob as séries intituladas 'Contraoemas', 'Auto-Retratos', 'Provérbios', 'O tempo muda tudo', 'Mar Egeu/ Mar Vermelho' e 'Os Manifestos', criados entre os anos de 2003 e 2006.

apesar de o contrapoema estar escrito com antônimos, ele acaba transmitindo a mesma mensagem do poema original. São duas formas distintas de contar a mesma história.

Nesta mesma exposição, a artista expõe a série O TEMPO MUDA TUDO. Nesta série, Rosana utiliza três vidros, com palavras escritas em areia colorida.

Figura 26 - Rosana Ricalde. O tempo muda tudo, 2002



Fonte: Ricalde (2012, p. 50).

O primeiro vidro traz ‘o tempo’, o segundo traz ‘muda’ e o terceiro traz ‘tudo’. Sendo assim, pode-se mudar a ordem dos vidros, alterando a forma de ler a frase. No material educativo *Exposição Palavras Compartilhadas*, de Rosana Ricalde, esta obra é descrita da seguinte forma, “com essas intervenções (palavras) a artista abre caminho para outros sentidos: constrói camadas de leituras para as três garrafas que transformam o artesanato em um novo sistema de significações” (VERGARA, 2012, p. 55).

Ricalde traz também, nesta exposição, a série MARES. Nesta, a artista trabalha apenas com as cores azul e branco, variando os tons do azul. Ela escreve repetidamente os nomes dos mares, formando desenhos que lembram ondas,

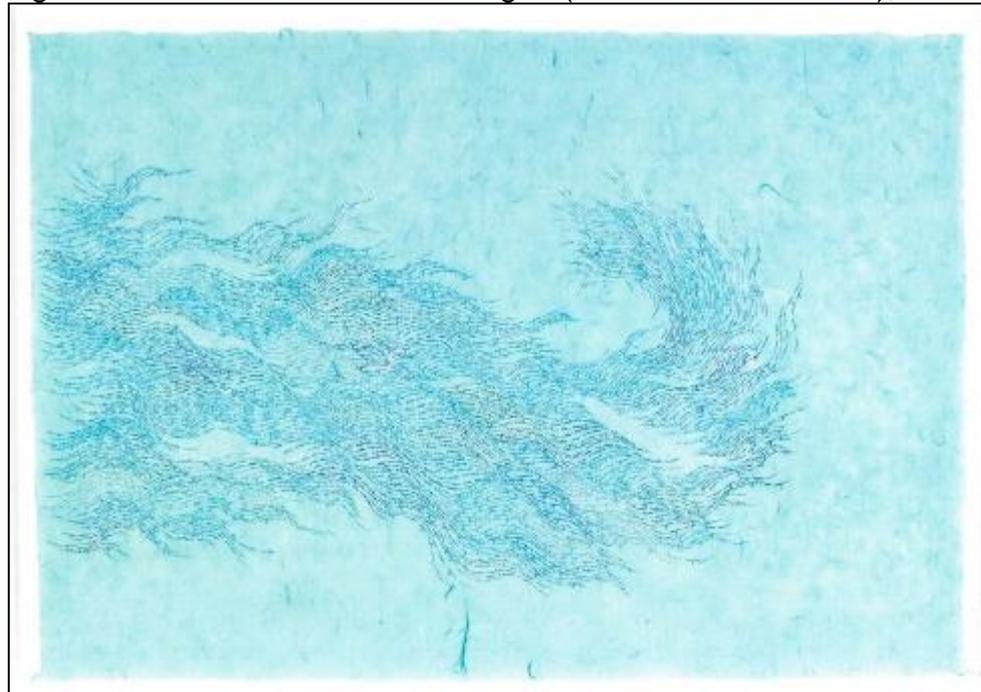
marés. As palavras são quase imperceptíveis, mas é possível lê-las, se observadas de perto.

Figura 27 - Figura 15. Rosana Ricalde. Mar Vermelho (91 cm x 62 cm x 5 cm), 2006



Fonte: Ricalde (2012, p. 65).

Figura 28 - Rosana Ricalde. Mar Egeu (91 cm x 62 cm x 5cm), 2006



Fonte: Ricalde (2012, p. 63).

A artista brasileira Marilá Dardot traz outro sentido à palavra, utilizando diferentes formas e fôrmas, em uma de suas criações chamada *A origem da obra de arte*. Dardot produz a forma das letras com argila, em tamanho grande o suficiente para servir como um vaso de jardinaria. Ela produz cada letra separadamente e, então, coloca terra dentro, logo em seguida plantando algum tipo de flor ou planta.

Figura 29 - Marilá Dardot. Sem título, *A origem da obra de arte*, 2011



Fonte: My AMP Goes To 11 (2011).

Figura 30 - Marilá Dardot. Sem título, *A origem da obra de arte*, 2011



Fonte: My AMP Goes To 11 (2011).

Figura 31 - Marilá Dardot. Sem título, A origem da obra de arte, 2011



Fonte: My AMP Goes To 11 (2011).

É curioso ver que, no trabalho de Marilá, ela coloca sementes nas letras que são as fôrmas, literalmente dando vida às palavras, empregando, assim, um novo sentido, totalmente diferente a elas.

5 O LUGAR DA PALAVRA

Tudo tem seu lugar. Então qual é o lugar da palavra? Todos. Ela está em tudo, pode ser utilizada com muita versatilidade. O que deve ser observado, nesse caso, é a palavra do lugar. Todas as palavras estão em nós, mas nós não estamos em todas as palavras.

Cada artista tem, então, a sua forma de se expressar por meio da palavra, conseqüentemente, cada um tem um lugar onde utilizá-la. Alguns artistas variam os lugares, utilizando-se e apropriando-se de paredes, cadernos, espelhos, quadros, objetos, e ambientes variados.

O lugar da palavra é importantíssimo para dar o sentido à criação, como, por exemplo, na obra *Ceci n'est pas une pipe* de René Magritte, o artista cria uma contradição ao escrever em uma imagem de um cachimbo a frase *isto não é um cachimbo*.

Figura 32 - René Magritte. Ceci n'est pas une pipe, 1928



Fonte: Aberto para Reforma (2012).

Abro aqui a discussão sobre o sentido da palavra que varia de acordo com o lugar onde ela foi empregada.

5.1 JENNY HOLZER – PROTEJA-ME DO QUE EU QUERO

A artista Jenny Holzer, já citada nesta pesquisa anteriormente, utiliza-se

de lugares públicos para expor suas palavras, mas estes lugares variaram de acordo com sua percepção sobre o olhar do espectador para com a palavra.

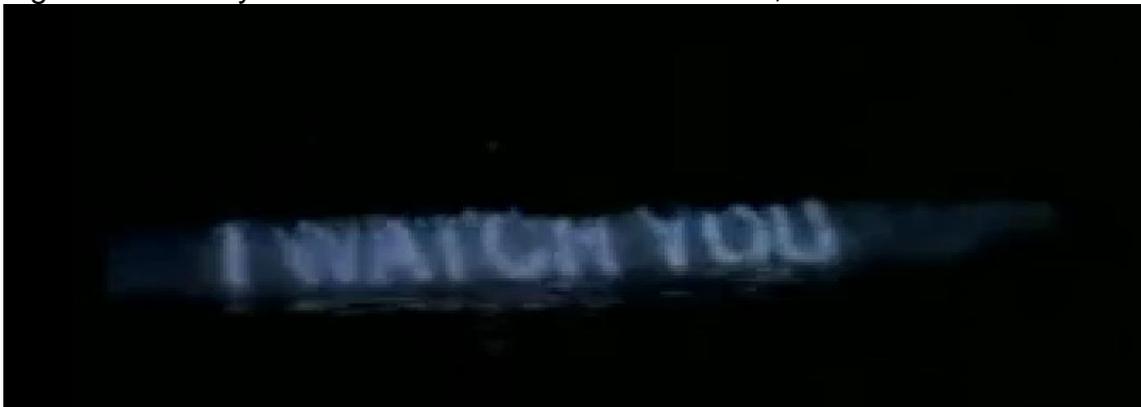
Eu fui para os grandes painéis eletrônicos depois de anos com cartazes de rua, por que eu pensei que era interessante usar a mídia *big brother* ao invés de usar cartazes que pareciam ter sido feitos em uma lojinha de porão. Eu estava curiosa em saber como isto poderia mudar o significado do texto se parecesse uma mensagem oficial, se fosse confundida com uma mensagem constitucional ou de serviço público. Isso foi o que me levou aos painéis eletrônicos. Isso e o fato que eu sabia que num painel de rua, um número muito maior de pessoas seria alcançado (HOLZER, 1999).

Ao citar que estava curiosa em saber como a mudança de lugar da palavra poderia mudar o significado do texto, Jenny abre um questionamento a si e consegue sua resposta. Seus cartazes eram discretos, então, suas criações passaram a ser mais vistas, após aparecerem expostas em ambientes públicos.

Além dos painéis eletrônicos citados pela artista, ela também se utiliza de grandes projeções em prédios, igrejas e construções em geral. Essas projeções também são vistas em grandes pedras, muros e até mesmo no mar.

Holzer veio ao Brasil expor seu trabalho⁷ e uma de suas projeções eram feitas em uma praia do Rio de Janeiro. A cada onda que se formava, uma frase era vista projetada nela. Trago, como demonstração, uma imagem retirada de seu documentário *protect me from what I want*, em português: *proteja-me do que eu quero*, onde a frase *I watch you*, em português: *eu assisto você*, aparece refletida em uma onda.

Figura 33 - Jenny Holzer. Protect me from what I want, 1999



Fonte: Dantas (2007)

⁷ Produção *protect me from what I want*, de 1999.

É importante observar que todo esse tipo de trabalho, que Jenny Holzer faz, deve ser exposto apenas à noite, já que as luzes das produções precisam de escuro para que possam aparecer e ser vistas.

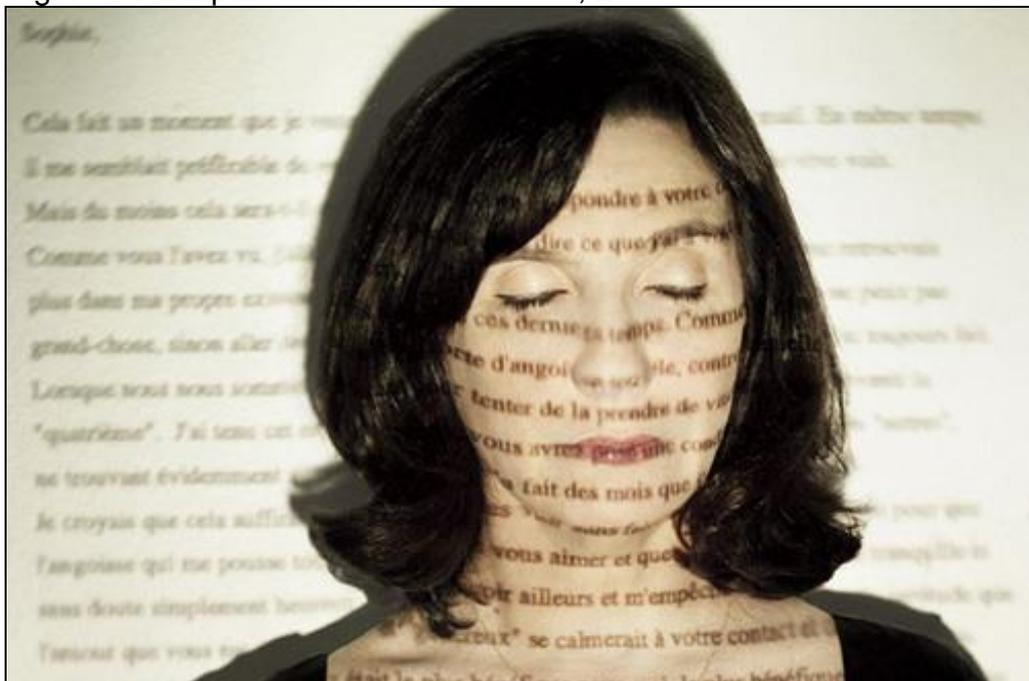
5.2 SOPHIE CALLE – CUIDE DE VOCÊ

A artista francesa Sophie Calle ousou, ao utilizar um rompimento amoroso via *e-mail* como material inicial para uma produção artística, que estreou na Bienal de Veneza em 2007.

Ela recebeu um *e-mail*⁸ de seu até então namorado, no dia 24 de abril de 2004, onde ele terminava o relacionamento e encerrava o *e-mail* com a frase *cuide de você*. A artista resolveu cuidar dela. Mostrou o *e-mail* a 107 mulheres e pediu para elas interpretarem aquelas palavras. Esta foi a forma que Sophie escolheu para cuidar de si mesma, compartilhar a sensação de receber um *e-mail* como aquele.

Após todas as mulheres examinarem aquelas palavras, Calle as expõe, projetadas em si mesma.

Figura 34 - Sophie Calle. Cuide de você, 2004



Fonte: Cultura Bahia (2009).

⁸ *E-mail* completo recebido pela artista está em anexo.

Sophie acreditou que o melhor lugar para a palavra fosse em seu próprio corpo e apropriou-se dele. O fato de ela ter projetado palavras, de um término de relacionamento, em si mesma, chocou a maioria das pessoas. Penso que essa tenha sido a intenção da artista, chocar e chamar a atenção, dando um poder ainda maior às palavras.

5.3 JONAS ESTEVES – ENTRELINHAS

Um dos artistas que me inspiraram em umas de minhas criações é o acadêmico egresso Jones Esteves. Ele expôs, ilustrado em uma parede, vários desenhos que mostravam do que era composto um robô e como ele funcionava⁹.

Identifiquei-me com sua obra, por ser diretamente ligada a uma das minhas histórias. Ao me aprofundar no tema 'palavra em produções artísticas', pretendo relatar a ligação entre ambos e explorar isso de forma a apresentar suas ligações, mostrando as possíveis maneiras de trabalhar e apreciar essa linguagem, explorando o mundo das palavras que, cada vez mais, conquistam seu espaço em obras de arte e em todos nós.

No dia da exposição, resolvi conversar com Jonas e ele me contou sobre outra produção sua, chamada ENTRELINHAS¹⁰. Jonas me enviou, posteriormente, um material que falava sobre esta exposição.

O artista utilizou o fotolito¹¹ como suporte, com a intenção de trabalhar tipografia e poética por meio das palavras. As palavras gravadas no fotolito são ilegíveis a olho nu, pois são minúsculas. Elas podiam ser observadas com uma lupa que acompanhava a obra.

⁹ EXECUTE-SE - Exposição na Galeria de Arte Octávia Búrigo Gaidzinski.

¹⁰ Exposta em 2010, pela Galeria Municipal de Arte de Joinville Victor Kursancew.

¹¹ Fotolito é um material utilizado para gravação de chapas para empresas gráficas e na gravação de tela para serigrafia.

Figura 35 - Jonas Esteves. ENTRELINHAS, 2010



Fonte: Acervo do artista.

Jonas traz uma forma diferente de observar a palavra, em desenhos de prédios, utilizando o fotolito como suporte para “esconder” letras de música da banda brasileira Engenheiros do Hawaii. O lugar da palavra, nesse caso, está nos quadros expostos em uma galeria, mas Jonas ousa ao fazê-las ilegíveis a olho nu, trazendo um novo contexto à sua produção.

Em conversa com o artista, por *e-mail*, ele afirmou que:

[...] era o momento, sempre gostei das músicas do Engenheiros do Hawaii e estavam sempre próximas quando estava produzindo. Ai quando pensei nas formas do ENTRELINHAS me lembrava muito a cidade, os prédios, verticalidade. E foi bem em um momento que eu estava experimentando como fazer uma produção que fosse de saída de uma máquina, que representasse essa transição, o desenho no computador e ele impresso. Quando vi a possibilidade de trabalhar com as palavras tão pequenas logo associei tudo, o fotolito (material de saída de uma máquina/computador), a possibilidade da fonte pequena, imagem de cidade e música que falava da cidade (as músicas do Engenheiros do Hawaii) (JONAS ESTEVES, 2014).

Jonas associou as imagens dos prédios à cidade e, então, às músicas que também falam da cidade. Ele criou, enquanto ouvia essas músicas. São informações que o espectador não tem, mas que fazem parte da obra, de uma forma significativa.

6 PRODUÇÃO ARTÍSTICA – *ELA!*

A ideia de criar a produção artística *ELA!* surgiu durante a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A feminilidade já fez parte de outras criações minhas e, dessa vez, busquei trazê-la por meio de uma escrita, criada por mim, em novembro de 2014.

ELA!

Ela seguia sorrindo ao encará-lo, mesmo sabendo que em segundos estaria sangrando. Ela nunca teve medo. A fera dá um passo à frente. Batimentos acelerados. Ambos. Ela sentia o cheiro de sangue no hálito dele, provavelmente restos de sua última vítima. Mais um passo à frente, dessa vez por iniciativa dela. Ele fez um suave movimento, acariciando sua pele antes e depois do ataque sutil. Ela sentiu o líquido quente escorrendo de seu pescoço até seu peito. Todo o branco de seu vestido lentamente se tornando vermelho. Era aguda e queimava com absurda intensidade. A dor. A fera havia atacado. Com mais um passo ela sussurrou no ouvido dele ‘uma última dança?’ Eles dançavam apaixonadamente na beira do precipício. Ela em seu vestido coberto pelo líquido quente, rodopiando e pintando as margaridas ao redor, que assim como seu vestido, trocavam o branco pelo vermelho. Ele assistiu sua força esvanecer de seu corpo delicado e ela caiu elegantemente aos seus pés. A dança foi suave e sensual, assim como sua partida.

Nessa metáfora, procuro usar elementos, cores e lugares, para representar sentimentos e situações “[...], pois a cor nos remete a alguma coisa”, ressalta Rosana Ricalde, ao falar de sua série AUTORETRATOS (RICALDE, 2012, p. 30).

O texto relata o fim de um relacionamento onde a garota foi traída por seu namorado.

Durante a produção do TCC, fui até a Galeria Arte Octávia Búrigo Gaidzinski, para fazer um teste do material a ser utilizado e também do local escolhido para realizar a produção.

Escolhi, então, um vidro que se encontra logo na entrada da galeria, no fim da escada. A intenção é que a produção chame a atenção de quem chega para a leitura.

Figura 36 - Maíra Vefago. Esboço para a produção ELA!, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador

6.1 OS ELEMENTOS DE *ELA!*

Após decidir que a produção seria um dos meus textos escritos, era necessário que eu escolhesse então o material a ser utilizado. O texto se chama

ELA!, com todas as letras maiúsculas e ponto de exclamação, pois é como um grito. Um pedido de socorro feito por ela, a garota. Eu quis, por intermédio desse título, passar ao leitor a mensagem clara de que o texto se trata exclusivamente dela e de como ela se sente. Quero transmitir feminilidade por meio das palavras, pois estou falando da decepção amorosa de uma mulher traída por quem amava.

Então, o material foi escolhido, um elemento que lembra mulheres, o batom. A cor do batom teria que ser vermelho, para enriquecer mais ainda a ideia de feminilidade e também abordando o romantismo.

Citei o vermelho no texto, para representar a vida e o amor saindo do corpo da garota, escorrendo por ele. O sangue representa toda a dor que ela sentiu e sente. A última dança é, na verdade, um último beijo, e o abismo é o fim. O ponto final representa o ponto final do relacionamento. O texto é cheio de metáforas, como costumo escrever na maioria das vezes.

Ao se substantivar a metáfora se faz, mais ou menos, protagonista dos destinos poéticos. Isto indica simplesmente que a intenção artística mudou de signo, que se voltou ao revés. Antes se vertia uma metáfora sobre uma realidade, à maneira de adorno, renda ou capa de chuva. Agora, ao revés, procurar-se eliminar o sustentáculo extrapoético ou real e se trata de realizar a metáfora, fazer dala a *res* poética (GASSET, 1999, p. 63).

O vidro foi escolhido devido à sua transparência, que permite com que a produção faça parte do ambiente, se envolver. Então, ao olhar para ela, também se vê a parte de fora da galeria, o mundo lá fora. O mundo além de ELA!

Ao passar o texto para o vidro, decidi dar uma forma diferente à palavra sangrando, pois eu notei que precisava enfatizar a dor sentida pela garota, toda a dor e decepção foram representadas pela palavra *sangrando*, escrita de forma exagerada, repetidamente sendo traçada e desenhada, se sobressaindo entre todas as outras palavras escritas até então.

Figura 37 - Máira Vefago. Esboço para a produção ELA!, 2015



Fonte: Acervo do pesquisador

Ainda não satisfeita, repeti a palavra sangrando durante toda a frase, do início ao fim. Quero fazer com que as pessoas pensem no motivo de ELA! estar sangrando, se coloquem no lugar dela e sintam a emoção que ELA! está sentindo.

7 AO PÉ DA LETRA

O título *Da cabeça da palavra ao pé da letra* surgiu já no fim do processo desta pesquisa, depois de a produção final já ter sido pensada, pois, no decorrer da pesquisa, novas ideias foram aparecendo e ela acabou indo por um caminho diferente do esperado inicialmente, um caminho que explorou mais o assunto “palavras” do que o planejado, sendo este um ponto positivo que levou a um título poético, onde, ao falar da cabeça da palavra, me refiro ao que nos vem à mente, quando a ouvimos e o que ela literalmente quer dizer, ao pé da letra.

A fundamentação teórica esclareceu o processo criativo de alguns artistas que trabalham com palavras, mas, principalmente, abriu caminho para responder ao meu problema: produzir um trabalho em artes visuais, utilizando a palavra como linguagem principal.

Percebeu-se que esses pontos são, principalmente, a crítica e a metáfora, de uma forma indireta.

As mensagens que são transmitidas por meio das produções que envolvem a escrita variam muito de acordo com cada pessoa que desenvolve sua produção. Ficou claro que cada artista tem a sua maneira de se expressar e passar essas mensagens, que variam de acordo com cada um. Jenny Holzer, por exemplo, descobre as maneiras de explorar a crítica, por palavras projetadas em lugares públicos, enquanto Sophie Calle projeta palavras em seu próprio corpo, de uma forma mais romântica, sem deixar de provocar.

Todos os artistas apresentados no decurso desta pesquisa: Joseph Kosuth, Kelly Mark, Jenny Holzer, Mira Schendel, Raquel Stolf, Elida Tessler, Arnaldo Antunes, Rosana Ricalde, Marilá Dardot, René Magritte, Sophie Call e Jonas Esteves, são pessoas que me inspiraram e continuam inspirando, pois têm uma forma parecida com a que eu tenho de criar, explorando as palavras de formas distintas e variadas. O estudo realizado contribuiu para trazer um maior conhecimento e certeza, impulsionando futuras novas pesquisas relacionadas a este tema.

Acredito que esta pesquisa contribuiu não somente com o conhecimento de criações diversas que envolvem palavras, mas, também, com um entendimento das minhas próprias criações e da forma como gosto de expressar minhas ideias por

meio delas. Apoiei-me em autores ao longo deste trabalho, na busca pelo processo artístico e sua linguagem. Para a metodologia, trouxe Foucault (1977), Rey (2002), Minayo (2010) e Zamboni (2006).

Entendi que, ao longo de uma pesquisa, a leitura frequente é indispensável. Baseei-me em relevantes escritores, para uma melhor compreensão dos objetivos propostos nessa pesquisa. Para falar sobre o objeto da arte, trago Gassete (1999), que também serviu como base para discutir metáforas e signos presentes na arte. Baseio-me em Osório (2005) e em Venturi (2002), para abordar o juízo de gosto, a imaginação e as diferenças entre a posição do espectador e a do artista. Para falar da poética e da significação das palavras, trago Mukarovsky (1997) e Eco (2003). Também fizeram parte desse processo os autores em que me apoiei: Read (1991), Holm (2005), Ferreira (2000), Farthing (2011), Sontag (1987) e Canton (2009).

Ao final desta pesquisa, percebo que há múltiplas maneiras de explorar as palavras em trabalhos de artes visuais. Ao mesmo tempo em que encontrei respostas durante o processo de produção das obras e do texto, novas perguntas se abriram, permitindo múltiplas abordagens para a mesma investigação sobre a palavra no contexto das artes visuais.

REFERÊNCIAS

- ABERTO PARA REFORMA. **Isto não é um cachimbo**. 2012. Disponível em: <<http://abertosparareforma.com.br/waltermcalister/isto-nao-e-um-cachimbo/>>. Acesso em: 30 abr. 2015.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC:Argos, 2009. 92 p.
- ALKAYAT, Zena. **Tate Modern gets a Brazilian with Mira Schendel showcase**. 2013. Disponível em: <<http://metro.co.uk/2013/09/30/tate-modern-gets-a-brazilian-with-mira-schendel-showcase-4128739/>>. Acesso em: 02 abr. 2015.
- ANTUNES, Arnaldo. **As coisas**. São Paulo: Iluminuras. 2002. 93 p.
- CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: WMF Martins. 2009. 57p.
- CATÁLOGO DAS ARTES. **Transparente. Da série Caligrafias**. Disponível em: <http://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=4099>. Acesso em: 09 abr. 2015.
- CULTURA BAHIA. **Sophie Calle, cuide de você**. 2009. Disponível em: <<http://culturacute.spaceblog.com.br/575977/SOPHIE-CALLE-CUIDE-DE-VOCE/>>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- DANTAS, Marcello. **Protect me From What I Want - Part 3 of 3**. 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ETHSeBVWq_Y>. Acesso em: 08 abr. 2015.
- DELI ART. **We Serve: Joseph Kosuth**. Disponível em: <<http://deli.art.br/2013/06/11/we-serve-joseph-kosuth/>>. Acesso em: 03 abr. 2015.
- DEORSOLA, Livia. **O furor da linguagem**. 2010. Disponível em: <<http://editora.cosacnaify.com.br/blog/?tag=mira-schendel>>. Acesso em: 09 abr. 2015.
- DIAZ CONTEMPORARY. **Kelly Mark. Every (no)thing is (im)possible (2009)**. 2015b. Disponível em: <http://www.diazcontemporary.ca/Artists_Mark1.html>. Acesso em: 03 abr. 2015.
- DIAZ CONTEMPORARY. **Kelly Mark. Nothing is so important that it needs to be made in six foot neon (2009)**. 2015a. Disponível em: <http://www.diazcontemporary.ca/Artists_Mark1.html>. Acesso em: 03 abr. 2015.
- DICTIONARY.COM. **Saudade**. Disponível em: <<http://blog.dictionary.com/portuguese-terms/>>. Acesso em: 23 abr. 2015.
- DORFLES, Gillo. **O devir das artes**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 245 p.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. São Paulo: Pontes, 1987. 222 p.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2003. 284 p.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011. 576 p.

FERREIRA, **Aurélio Buarque de Holanda**: Mini Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa do Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. 462 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins fontes, 2000. 422 p.

GASSET, José Ortega. **A desumanização da arte**. São Paulo: Cortez Editora, 1999. 91 p.

GUGGENHEIM. **All Artworks by Jenny Holzer in the Collection Online**. 2015. Disponível em: <<http://www.guggenheim.org/new-york/collections/collection-online/artists/1012>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

HOLM, Anna Marie. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de arte moderna, 2005. 161 p.

HOLZER, Jenny. **Documentário Protect me From What I Want - Part 3 of 3** Rio de Janeiro 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ETHSeBVWqY>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

LIMA, Juliana Cunha. **A internacionalização da arte brasileira**. 2013. Disponível em: <http://www.select.art.br/article/reportagens_e_artigos/a-internacionalizaa-da-arte-brasileira>. Acesso em: 09 abr. 2015.

MEMORIAL MEYER FILHO. **Um olhar sobre o que não pode ser visto**. 2011. Disponível em: <<https://memorialmeyerfilho.wordpress.com/tag/raquel-stolf/>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

MESQUITA, Ivo. CHIARELLI, Tadeu. CINTRÃO, Rejane. FABRIS, Annateresa. FAGUNDES JR., Carlos Eduardo Uchôa. **Doação Paulo de Figueiredo Museu de Arte Moderna de São Paulo**. São Paulo: MAM, 2001. 126 p.

MOMA TANGLED ALPHABETS. **Mira Schendel**. 2015. Disponível em: <<http://www.moma.org/visit/calendar/exhibitions/299>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

MUKAROVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial estampa, 1997. 350 p.

MUVI MUSEU VIRTUAL DE ARTES PLÁSTICAS. **Rosana Ricalde. Persisto**. Disponível em: <http://muvi.advant.com.br/artistas/r/rosana_ricalde/persisto.htm>. Acesso em: 09 abr. 2015.

MY AMP GOES TO 11. **Marilá Dardot. A origem da obra de arte.** 2011. Disponível em: <<http://myampgoesto11.tumblr.com/post/44162893572/marila-dardot-a-origem-da-obra-de-arte-the>>. Acesso em: 04 abr. 2015

OSÓRIO, Luiz Camillo. **Razões da crítica.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 70 p.

READ, Herbert. **A arte de agora, agora.** São Paulo: Perspectiva, 1991. 177 p.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (Orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas.** Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-40.

RICALDE, Rosana. **Exposição palavras compartilhadas.** Artesesc. 2012. 90 p.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação.** Trad. Ana Maria capovilla; Porto Alegre: L&PM. 1987. 302p.

TESSLER, Elida. **A vida somente no parque.** 2007. Disponível em: <<http://www.elidatessler.com/A%20vida%20somente%20no%20parque/IMG08.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

_____. Disponível em: <http://www.elidatessler.com/pag_nova_obras.htm>. Acesso em: 23 abr. 2015.

VENTURI, Lionello. **História da crítica de arte.** Lisboa: edições 70, 2002. 301 p.

VERGARA, Luiz Guilherme. CONDEIXA, Roberta. **Exposição palavras compartilhadas** – Rosana Ricalde. Rio de Janeiro: Artesesc. 2012. 91p.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: Autores Associados, 2006. 123 p.

ANEXO (S)

ANEXO A – LETRAS DE MÚSICAS INSPIRADORES DA CRIAÇÃO DE MINHAS
OBRAS

Duas lágrimas – Fresno

Uma lágrima rolou do meu olho ao perceber
Que era a última vez em que eu ia ver você
Outra lágrima rolou dentro do meu coração
Ao ver a velocidade com que as vidas vão em vão

Quando eu menos esperei, nada mais eu encontrei
Havia desaparecido a lágrima que eu chorei
Mas aquela que escorreu, no meu peito lá ficou
A gota de gosto amargo, com o frio cristalizou

E eu quero saber como proceder
Pra esquecer da tua voz, do teu viver

Porque eu apenas quero caminhar
Sem ter que olhar pra trás
E ver você vivendo em paz

E você sabe que eu já sofri demais aqui
E não vejo a hora de poder ficar junto de ti
E onde você estiver, estarei em coração
Em alma e espírito, através dessa canção

Enquanto a sua ida puder fazer alguém chorar
É sinal que a sua vida ainda não deve acabar
Já que não há saída, eu posso apenas imaginar
Como seria a minha vida sem a sua pra me alegrar

Fonte: <<http://www.vagalume.com.br/fresno/duas-lagrimas.html>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

Fix you - consertar você – Coldplay

Quando você faz o seu melhor, mas não tem sucesso
Quando você recebe o que quer, mas não o que precisa
Quando você se sente tão cansado, mas não consegue dormir
Preso em marcha-ré

E as lágrimas escorrem pelo seu rosto
Quando você perde algo que não pode substituir
Quando você ama alguém, mas isso se desperdiça
Poderia ser pior?

Luzes vão te guiar para casa
E incendiar seus ossos
E eu vou tentar consertar você

Bem lá em cima ou lá embaixo
Quando você está apaixonado demais para desistir
Mas, se você nunca tentar, nunca saberá
Exatamente qual é o seu valor

Luzes vão te guiar para casa
E incendiar seus ossos
E eu vou tentar consertar você

Lágrimas escorrem pelo seu rosto
Quando você perde algo que não pode substituir
Lágrimas escorrem pelo seu rosto
E eu

Lágrimas escorrem pelo seu rosto
Eu te prometo que aprenderei com meus erros
Lágrimas escorrem pelo seu rosto
E eu

Luzes vão te guiar para casa
E incendiar seus ossos
E eu vou tentar consertar você

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/coldplay/fix-you_traducao.html#ixzz3be47JHP6>. Acesso em: 3 abr. 2015.

No escuro – Pitty

Quando tá escuro e ninguém me vê
Quando tá escuro, eu enxergo melhor
Quando tá escuro, te vejo brilhar
É onde eu fico a vontade sem medo da claridade
Passo o dia inteiro esperando a noite chegar
Porque não há mais nada que eu queira fazer

Quando tá escuro, tanto faz que cor tem
Quando tá escuro, só valem as palavras
Quando tá escuro, ninguém repara as minhas meias
É onde eu abro as minhas asas, onde me sinto em casa
É onde eu fico a vontade sem medo da claridade
Passo o dia inteiro esperando a noite chegar
Porque não há mais nada que eu queira fazer

A noite chegar
Porque não há mais nada que eu queira fazer

Quando tá escuro e ninguém me vê
Quando tá escuro, eu enxergo melhor
Quando tá escuro, te vejo brilhar
É onde eu abro as minhas asas, onde me sinto em casa
Passo o dia inteiro esperando a noite chegar
Porque não há mais nada que eu queira fazer

Só no escuro!

Fonte: <<http://www.vagalume.com.br/pitty/no-escuro.html#ixzz3cCad2kta>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

Na sua estante – Pitty

Te vejo errando e isso não é pecado,
Exceto quando faz outra pessoa sangrar,
Te vejo sonhando e isso dá medo,
Perdido num mundo que não dá pra entrar
Você está saindo da minha vida
E parece que vai demorar
Se não souber voltar, ao menos mande notícias
Você acha que eu sou louca
Mas tudo vai se encaixar

Tô aproveitando cada segundo
Antes que isso aqui vire uma tragédia

E não adianta nem me procurar
Em outros timbres, outros risos
Eu estava aqui o tempo todo
Só você não viu

E não adianta nem me procurar
Em outros timbres, outros risos
Eu estava aqui o tempo todo
Só você não viu

Você tá sempre indo e vindo, tudo bem
Dessa vez eu já vesti minha armadura
E mesmo que nada funcione
Eu estarei de pé, de queixo erguido
Depois você me vê vermelha e acha graça
Mas eu não ficaria bem na sua estante

Tô aproveitando cada segundo
Antes que isso aqui vire uma tragédia

E não adianta nem me procurar
Em outros timbres, outros risos
Eu estava aqui o tempo todo
Só você não viu

E não adianta nem me procurar
Em outros timbres, outros risos
Eu estava aqui o tempo todo
Só você não viu

Só por hoje não quero mais te ver, só por hoje não vou tomar minha dose de você
Cansei de chorar feridas que não se fecham, não se curam
E essa abstinência uma hora vai passar

Fonte: <<http://www.vagalume.com.br/pitty/na-sua-estante.html#ixzz3cCarJEEF>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

Lucy in the sky with Diamonds (*Lucy no céu com diamantes*)

Imagine-se em um barco num rio
Com árvores de tangerina e céus de marmelada
Alguém lhe chama, você responde lentamente
Uma garota com olhos de caleidoscópio

Flores de celofane amarelas e verdes
Crescendo por sobre sua cabeça
Procure a menina com o sol em seus olhos
E ela se foi

Lucy no céu com diamantes 3x

Segue a até a ponte perto da fonte
Onde pessoas com cavalos de pau comem tortas de marshmellow
Todos sorriem Enquanto você boia passando pelas flores
Que crescem tão inacreditavelmente altas

Táxis de jornais aparecem na costa
Esperando para levá-lo embora
Sobe atrás com sua cabeça nas nuvens
E você se foi

Lucy no céu com diamantes 3 x

Imagine-se em um trem na estação
Com carregadores de plasticina com gravatas espelhadas
De repente alguém está lá na catraca
A garota com olhos de caleidoscópio

Lucy no céu com diamantes

Fonte: <<http://www.vagalume.com.br/the-beatles/lucy-in-the-sky-with-diamonds-traducao.html#ixzz3cCa1jtD4>>. Acesso em: 3 abr. 2015.

ANEXO B – CARTA – E-MAIL RECEBIDO POR SOPHIE CALLE

Sophie,

Há algum tempo venho querendo lhe escrever e responder ao seu último e-mail. Ao mesmo tempo, me pareceria melhor conversar com você e dizer o que tenho a dizer de viva voz. Mas pelo menos será por escrito.

Como você pôde ver, não tenho estado bem ultimamente. É como se não me reconhecesse na minha própria existência. Uma espécie de angústia terrível, contra a qual não posso fazer grande coisa, senão seguir adiante para tentar superá-la, como sempre fiz. Quando nos conhecemos, você impôs uma condição: não ser a "quarta". Eu mantive o meu compromisso: há meses deixei de ver as "outras", não achando obviamente um meio de vê-las, sem fazer de você uma delas.

Achei que isso bastasse; achei que amar você e o seu amor seriam suficientes para que a angústia que me faz sempre querer buscar outros horizontes e me impede de ser tranquilo e, sem dúvida, de ser simplesmente feliz e "generoso", se aquietasse com o seu contato e na certeza de que o amor que você tem por mim foi o mais benéfico para mim, o mais benéfico que jamais tive, você sabe disso. Achei que a escrita seria um remédio, que meu "desassossego" se dissolveria nela para encontrar você.

Mas não. Estou pior ainda; não tenho condições sequer de lhe explicar o estado em que me encontro. Então, esta semana, comecei a procurar as "outras". E sei bem o que isso significa para mim e em que tipo de ciclo estou entrando. Jamais menti para você e não é agora que vou começar.

Houve uma outra regra que você impôs no início de nossa história: no dia em que deixássemos de ser amantes, seria inconcebível para você me ver novamente. Você sabe que essa imposição me parece desastrosa, injusta (já que você ainda vê B., R.,?) e compreensível (obviamente?); com isso, jamais poderia me tornar seu amigo. Mas hoje, você pode avaliar a importância da minha decisão, uma vez que estou disposto a me curvar diante da sua vontade, pois deixar de ver você e de falar com você, de apreender o seu olhar sobre as coisas e os seres e a doçura com a qual você me trata são coisas das quais sentirei uma saudade infinita. Aconteça o que acontecer, saiba que nunca deixarei de amar você da maneira que sempre amei desde que nos conhecemos, e esse amor se estenderá em mim e, tenho certeza, jamais morrerá.

Mas hoje, seria a pior das farsas manter uma situação que você sabe tão bem quanto eu ter se tornado irremediável, mesmo com todo o amor que sentimos um pelo outro. E é justamente esse amor que me obriga a ser honesto com você mais uma vez, como última prova do que houve entre nós e que permanecerá único.

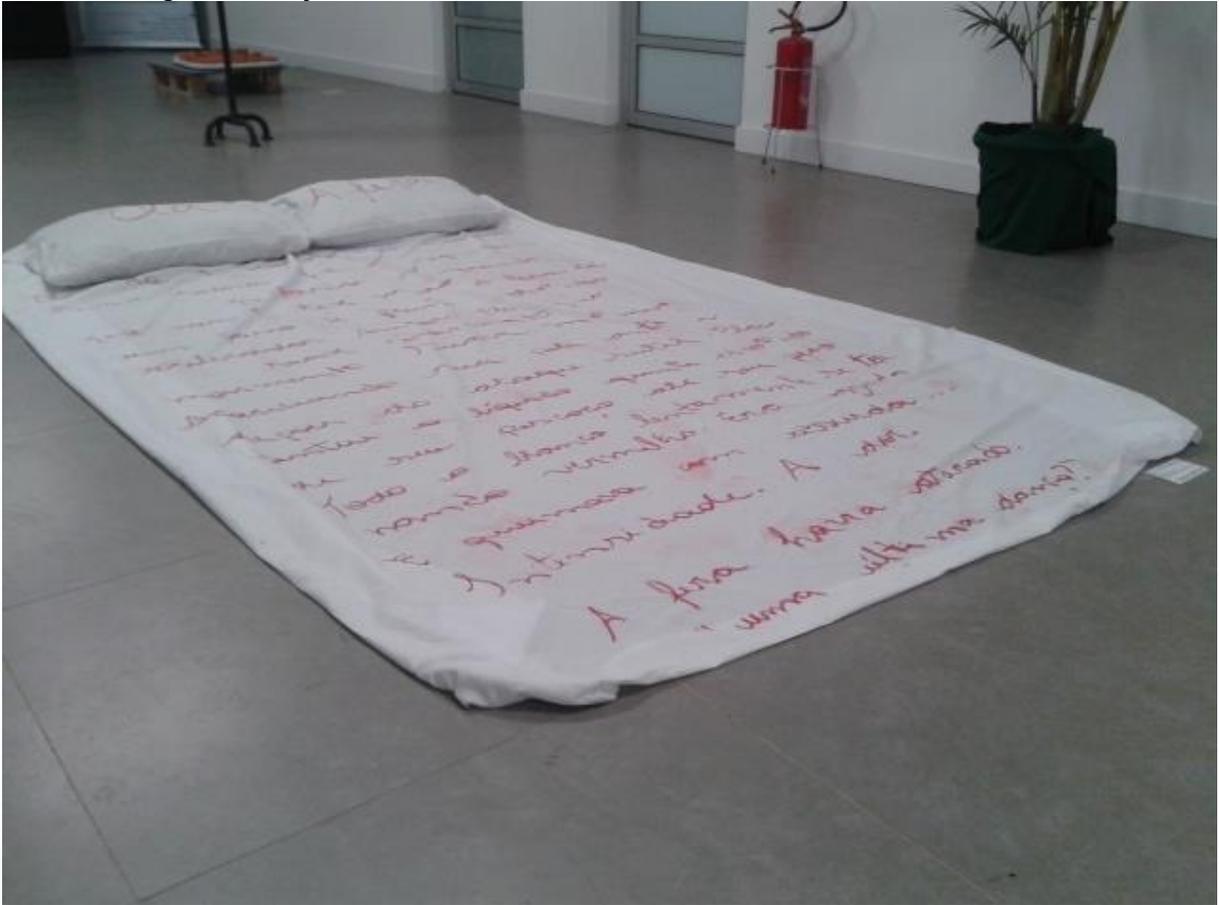
Gostaria que as coisas tivessem tomado um rumo diferente.

Cuide de você.

Fonte: <<http://www.personare.com.br/refletindo-sobre-terminos-amorosos-m210>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ANEXO C – PRODUÇÃO FINAL *ELA!*

Maíra Vefago. Produção final *ELA!*, 2015



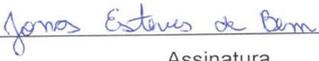
Fonte: acervo do pesquisador

ANEXO D – AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, Jonas Esteves de Bem portador do RG 6.811.600 autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de Máira Vefago acadêmica da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Bacharelado UNESC que tem como objetivo relatar minha experiência com palavras na minha produção ENTRELINHAS.

Atenciosamente,



Assinatura

Criciúma, 02 junho de 2015.